

O
DIÁRIO
DE
GEORGE MÜLLER

Trechos
Selecionados
por
A.Rendle Short

Edições Cristãs

ÍNDICE

Prefácio

Notas para melhor compreensão

Começando o trabalho do Orfanato

Construindo cinco Orfanatos

Assuntos pessoais

Comentário

PREFÁCIO

Em minha opinião, o exemplo de George Müller fez mais para estimular na fé ativa em Deus entre as pessoas do mundo todo do que a obra ou a pregação de qualquer outro homem, durante a segunda parte do século dezanove.

As razões nas quais baseio esta afirmação serão dadas posteriormente. Quando, pois, me pediram que escrevesse a sua história de maneira que levasse a mensagem à geração presente, senti-me feliz por executar uma tarefa tão agradável e compensadora.

Muitos livros excelentes já foram escritos sobre Müller, mas nada poderia ser mais explicativo, tão vibrante e emocionante como o seu próprio diário. Sua Autobiografia, porém, além, de estar esgotada, é muito grande para servir de leitura mais leve. Pareceu-me melhor, portanto, escolher páginas e parágrafos aqui e ali, apenas ligando-os com observações minhas em certos lugares, a fim de tornar a história compreensível.

Foi um trabalho feito com amor. Fui solicitado a fazer este trabalho porque meu avô foi professor do Orfanato em 1855; meus pais (e inúmeros outros habitantes de Bristol) viam George Müller com o mesmo respeito e afeição com que os israelitas viam os seus profetas e eu mesmo guardo algumas lembranças da infância a seu respeito e conheço bem o seu Orfanato.

A.Rendle Short

.oOo.

NOTAS PARA MELHOR COMPREENSÃO

1)A libra esterlina é a unidade monetária da Grã Bretanha. Até fevereiro de 1971 ela estava dividida em 20 xelins, cada um dos quais, por sua vez, se dividia em 12 pence (o singular é pênì);

A partir daquela data, ela está dividida em 100 pence.

2) O guinéu era uma antiga moeda com valor aproximado de 21 xelins.

3)O acre mencionado é uma unidade de área e corresponde a 40,5 ares ou a 4.050 metros quadrados.

.oOo.

PRIMEIROS DIAS

George Müller nasceu em uma pequena cidade da Prússia no dia 27 de setembro de 1805, sendo seu pai um funcionário público. Passou sua infância na cidade de Heimersleben.

Meu pai acostumou-me desde cedo a ter muito dinheiro no bolso. Isto ela fazia não para que eu o gastasse inutilmente, mas com o intuito de fazer com que eu aprendesse a lidar com dinheiro e principalmente a economizar.

O resultado, entretanto, não foi o esperado, sendo que, devido a isto, eu e meu irmão fomos levados a muitas ações escusas. Eu sempre gastava o dinheiro exageradamente e, depois, ao prestar contas a meu pai, tentava enganá-lo, deixando de anotar parte do dinheiro que me dava ou dizendo ter em mãos mais do que realmente tinha. Afinal, a minha trama foi descoberta e eu fui castigado, mas continuava o mesmo.

Antes de completar dez aos de idade, muitas vezes tirei mim para dinheiro do governo que era confiado a meu pai e que ele tinha depois de completar. Certo dia, fui descoberto da seguinte maneira. Meu pai, já desconfiado, deixou-me a sós na sala onde havia deixado certa quantidade de dinheiro. Isto me pareceu uma oportunidade ideal para reforçar a minha mesada. Ao voltar e contar o dinheiro, notando a falta, revistou-me e encontrou a quantia escondida dentro do meu sapato.

Embora fosse severamente punido tanto nesta quanto em outras muitas ocasiões, não me lembro de outro pensamento ao ser descoberto a não ser de como fazer a mesma coisa outras vez com melhores resultados. Sendo assim, não foi esta a última vez em que incorri no mesmo erro.

Ao completar dez anos de idade fui para Halberstadt, à escola clássica Catedral, para ser preparado para a

Universidade, pois era o desejo de meu pai que eu me formasse em Teologia, não pensando no serviço do Senhor, mas em assegurar para o seu filho uma profissão respeitável e financeiramente compensadora.

Passava, então, o tempo estudando, lendo e, mesmo que ainda muito jovem, praticando ações pouco recomendáveis. Vivi assim até os catorze anos, quando, então, minha mãe faleceu. Na noite em que ela agonizava e, sem saber o que lhe tinha acontecia, passei a noite jogando, e, sendo domingo no dia seguinte, fui com alguns companheiros a um bar onde nos excedemos, saindo de lá para vagar pelas ruas em estado de embriaguês.

No dia seguinte, pela primeira vez, recebi aula de instrução religiosa, em preparo à crisma, o que fiz em atitude bastante displicente e, ao chegar à casa, encontrei meu pai que viera buscar-nos para o enterro de minha mãe. Passado o choque inicial, a morte de minha mãe, não causou em mim impressão duradoura nem fez com que eu mudasse meu modo de vida, pelo contrário, ficava cada vez pior.

Três ou quatro dias antes de ser crismado (tendo assim direito a participar da Ceia do Senhor), fui culpado de grande imoralidade e, no dia anterior, estando na presença do pastor para a confissão (de acordo com a prática habitual), de maneira formal eu o defraudei, dando-lhe apenas uma parte do dinheiro que meu pai me havia dado para lhe ser entregue.

Foi neste estado de alma, sem uma oração, sem verdadeiro arrependimento, sem fé e sem conhecimento do plano de salvação, que eu fui crismado e participei da Ceia do Senhor no domingo depois da Páscoa de 1820.

Entretanto, a solenidade do acontecimento não deixou de impressionar-me e não saí da casa naquela tarde e naquela noite, enquanto os rapazes e as moças que haviam sido crismados comigo saíram para passear. Mas, ao tentar pôr em prática minhas boas resoluções, na minha própria força, fracassava, vez após vez, e eu continuava nos mesmos caminhos.

Seis semanas depois de crismado, passei alguns dias em Brunswick com uma irmã de meu pai, onde namorei uma jovem. Ao voltar aos estudos, resolvi mudar de vida e passei a dedicar parte do meu tempo ao estudo da música, mas mais uma vez fui mal sucedido e logo passei a frequentar novamente os bares, fazendo, vez após vez, voto de mudar, mas quebrando-o tão logo o tinha feito.

Gastava meu dinheiro em prazeres mundanos, tanto que mais de uma vez me vi em apuros, a ponto de certa ocasião roubar um pedaço de pão seco que a era a porção de um soldado aquartelado na pensão onde eu morava. Como é triste servir a Satanás, mesmo aqui no mundo.

Em novembro fiz um passeio a Magdeburg, onde passei seis dias em muito pecado e, ao ouvir que meu pai descobrira que eu saíra de casa, ajuntei todo o dinheiro possível e fui a Brunswick, depois de obter permissão do meu tutor, através de muitas mentiras.

A razão de minha volta a Brunswick foi moça que eu encontrara na minha viagem anterior. Passei uma semana no hotel mais caro da cidade e, ao fim desta, meu dinheiro também se acabara. Esse fato, aliado à falta de passaporte, fez com que eu tivesse que deixar o hotel, mas, como quisesse ficar ainda em Bruswick, fui até o meu tio e dei-lhe alguma desculpa por não o ter procurado logo que ali chegara.

Fui, então, sem dinheiro, a outro hotel em um vila perto de Brunswick, onde passei outra semana regaladamente. O proprietário do hotel, provavelmente desconfiado, me pediu o pagamento e, como eu não tivesse dinheiro, me vi obrigado a deixar minha melhor roupa como garantia e mal consegui escapar de ser preso.

Andei, então, uns doze quilômetros e hospedei-me em outro hotel, passando a viver como se tivesse bastante dinheiro. Fiquei ali dois dias, depois comecei a procurar oportunidade de escapar. A janela do meu quarto era alta demais para que eu fugisse de noite. Na segunda ou terceira manhã, saí devagar e, depois, comecei a correr, assim, sendo

observado e julgado suspeito, me perseguiram e tiver que voltar.

Confessei o meu caso, mas não achei misericórdia, sendo preso e levado, entre dois soldados, ao chefe de polícia. Sob suspeita de ser um vadio ou mesmo ladrão, fui interrogado durante umas três horas e depois colocado na prisão. Via-me, pois, na idade de dezesseis anos, companheiro de ladrões e de assassinos e tratado como estes. Minha aparência e meus modos refinados nada adiantaram, pois, embora com especial favor, recebesse na primeira noite um pedaço de carne acompanhada de pão, no dia seguinte recebi a mesma comida que os outros presos: pão e água e, para almoço, verduras sem carne.

Minha situação era desesperadora. Lá estava eu, trancado noite e dia, sem permissão de deixar a cela. No primeiro dia olhei para o almoço, mas não pude comê-lo. No segundo dia, apesar de achá-lo horrível, comi um pouco; no terceiro dia, comi tudo e nos dias seguintes ficaria satisfeito se mandassem mais. No segundo dia, pedi ao guarda que me arrumasse uma Bíblia. Não fiz este pedido com a intenção de estudar seu conteúdo, mas para passar o tempo. Mas nem este meu pedido foi considerado e me via sem ninguém, sem nada a fazer, sem um livro para ler e tendo enormes grades de ferro na janela.

Na segunda noite, fui acordado com o barulho de chaves. Três soldados entraram na cela. Ao perguntar, assustado, o que estava acontecendo, eles apenas riram e continuaram calmamente a experimentar as grades, para ver se havia possibilidade de fuga. Depois de alguns dias, descobri que havia um ladrão preso na cela contígua à minha e, tanto quanto permitia uma grossa divisão de madeira, começamos a conversar. Logo depois, por especial favor do guarda da prisão, deram permissão para que ele compartilhasse a minha cela. Passávamos agora o tempo relatando nossas aventuras e, a esta altura, eu já estava tão endurecido, que não me contentava em relatar o que realmente ocorrera, mas

passsei a inventar coisas piores para mostrar-lhe minhas façanhas.

Esperava dia a dia a minha libertação, mas esperava em vão. Depois de uns dez ou doze dias, eu e meu companheiro de prisão tivemos uma discussão e, como duas miseráveis criaturas, para aumentar mais a nossa tristeza, passamos dias sem trocar palavras. Fiquei na prisão desde o dia 18 de dezembro de 1821 até o dia 12 de janeiro de 1822, quando então o guarda levou-me novamente à presença do chefe de polícia. Descobri que, depois de escreverem ao meu tio em Brunswick e receberem a resposta de que seria melhor comunicarem o meu comportamento ao meu pai, fizeram isso mesmo e me deixaram preso até que o dinheiro necessário para a viagem chegasse, para o pagamento do hotel e para as despesas com a polícia.

Fui tão mal agradecido ao meu companheiro de cela por vários favores que me fez que, embora prometendo para a sua irmã de dar-lhe um recado, deixei de fazê-lo e nem senti arrependimento pelo sucedido. Apenas duas horas depois de deixar a cidade em que estivera preso, escolhi como companheiro de viagem uma pessoa reconhecidamente má.

Meu pai chegou a Heimersleben dois dias depois de minha chegada e, após castigar-me severamente, levou-me de volta a Schoenbeck, onde pretendia que eu ficasse até a Páscoa para depois enviar-me à escola clássica em Halle, onde estaria debaixo de rígida disciplina e inspeção contínua de um tutor.

Neste intervalo, arranjei alguns alunos particulares a quem ensinava latim, francês, matemática e gramática alemã. Procurava agora pela minha diligência reconquistar a amizade de meu pai. Minha vida, aparentemente, tornou-se exemplar. Fiz um bom progresso nos estudos e tornei-me bom professor, a julgar pelo progresso dos meus alunos, tornando-me querido de todos os que me cercavam tanto que, em pouco tempo, meu pai já se havia esquecido de tudo. Mas meu coração estava inalterado e secretamente praticava atos escusos.

Achava-me tão insensível que já me era possível mentir descaradamente e, para mostrar o que eu era a esta altura, relatei apenas um entre os muitos pecados de que fui culpado.

Através do meu viver, havia contraído muitas dívidas, as quais não tinha condição de pagar porque meu pai agora me enviava apenas o estritamente necessário para minha subsistência.

Certo dia, após receber uma certa soma, e depois de mostrá-la aos colegas, fingir havia sido roubado, forçando a fechadura de minha própria mala e também da caixa do violão. Fingi também estar bastante assustado com o ocorrido e entrei correndo na sala do diretor, contando-lhe que havia sido roubado. Todos tiveram muita pena de mim e alguns amigos se reuniram e me deram a quantia que eu afirmava ter perdido. Usei também o ocorrido para pedir mais prazo aos meus credores. Este drama não teve o resultado esperado porque o diretor, tendo razões para suspeitar de mim, embora sem provas concretas sobre o caso, nunca mais restaurou-me a sua confiança.

Quanto aos meus próprios sentimentos, embora já bastante endurecido, este acontecimento foi tão forte demais para a minha consciência, sendo que depois disto nunca mais fiquei à vontade na presença da esposa do diretor que, como mãe bondosa, havia zelado de mim durante uma doença. Como Deus foi longânimo e bondoso para comigo, não me castigando imediatamente.

ENTRADA NA UNIVERSIDADE DE HALLE

Via agora realizado um dos meus sonhos. Entrava na Universidade com ótima classificação. Assim, obtive também permissão para pregar no Estabelecimento Luterano, mas continuava infeliz e tão longe de Deus quanto antes.

Novamente e com maior intensidade, renovara meus votos de mudar de vida e isto por duas razões: primeira porque, continuando assim, nenhuma paróquia haveria de escolher-me como seu pastor; segunda, porque deveria estudar mais porque, sem conhecimentos consideráveis de

teologia, nunca conseguiria uma boa paróquia na Prússia e isto dependia geralmente de notas que os candidatos obtinham em seus exames.

Mas imediatamente que entrei em Halle, a cidade universitária, todas as minhas resoluções, mais uma vez, foram por água abaixo. Tendo agora mais liberdade, e embora não lutasse em duelos ou molestasse outras pessoas nas ruas e vivendo sem controle de terceiros, renovei a minha vida desregrada, embora sendo agora estudante de teologia. Quando gastava o dinheiro, penhorava coisas como o relógio ou algumas roupas, ou pedia emprestado. Entretanto, eu tinha um desejo sincero de renunciar a esta vida miserável porque realmente não me satisfazia e ainda tinha o juízo necessário para saber que o meu fim seria de miséria mesmo, pois nunca conseguiria uma boa colocação. Não tinha, no entanto, nenhuma tristeza de coração por ofender a Deus.

AMIZADE COM BETA

Certo dia, estando em um bar, em companhia de alguns colegas, vi entre eles um antigo colega chamado Beta, a quem anteriormente eu desprezara por ser mui quieto e levar as coisas tão a sério. Pensei ser bom renovar a minha amizade, imaginando que, se tivesse melhores companheiros, a minha conduta sofreria melhoras.

Acontece, porém, que Beta havia deixado os caminhos do Senhor. Anteriormente, quando conduzia a sua vida com retidão, tenho razões de crer que era devido à atuação do Espírito de Deus no seu coração, mas, agora, tendo dado as costas a Deus, ela tentava separar-se cada vez mais das coisas espirituais e gozar o mundo, do qual conhecera tão pouco, anteriormente.

Procurei a sua amizade porque pensei que me levaria a uma vida mais calma e ele de bom grado associou-se comigo porque, como me disse posteriormente, pensou que esta amizade lhe abriria as portas para uma sociedade tão divertida.

Assim, meu pobre coração foi uma vez mais desiludido; no entanto, Deus em Sua grande misericórdia soube usá-lo de maneira nunca sonhada por mim, para o meu bem não somente material, mas também eterno.

1825 - VIAGEM COM ALGUNS AMIGOS

No dia 18 de agosto, junto com um grupo de amigos, deixei Halle para um passeio. Fomos até a montanha Rigi, na Suíça. Viajamos durante 43 dias, principalmente a pé. Eu realizava mais um sonho: conhecer a Suíça, mas, mesmo assim, estava longe de me sentir feliz.

O Senhor, com grande amor, guardou-nos de experiências calamitosas que poderiam ter ocorrido. Eu não via a Sua mão naquela época como hoje a vejo. Uma doença ou a separação entre um ou outro dos amigos, coisas que facilmente poderiam ter ocorrido, poderiam ter-nos levado a situações realmente difíceis tendo nós apenas o dinheiro absolutamente necessário e estando longe de casa.

Nesta viagem eu fui como Judas porque, levando o dinheiro dos colegas, era ladrão. Ajeitei as coisas de tal modo que a viagem me custou dois terços do que custou aos meus colegas. Que coração duro e insensível o meu! Afinal, todos nos cansamos até das paisagens mais lindas e, embora no princípio dissesse como Horácio ao fim do dia “Vixi” (Vivi), eu agora estava satisfeito em voltar para casa novamente.

No dia 29 de setembro chegamos a Halle onde nos separamos, cada qual partindo para passar o resto das férias em sua própria casa. A esta altura, tinha muitas mentiras para contar ao meu pai acerca das despesas da viagem e iludi-lo. Durante as três semanas que fiquei em casa, resolvi resolutamente viver de modo diferente no futuro. Mais uma vez, o Senhor mostrou-me o que acontece com as melhores resoluções tomadas na força humana. Consegui mudar-me por alguns dias, mas, ao final das férias, quando chegaram novos alunos e com eles mais dinheiro, esqueci-me de tudo.

Nesta época, Halle tinha 1.260 alunos, dos quais 900 estudavam Teologia, sendo que todos tinham permissão para pregar, embora eu creia que nem nove destes conheciam ao

Senhor. Era chegado o tempo em que Deus me mostraria a Sua misericórdia. Seu amor por mim, embora eu fosse totalmente indigno, era uma realidade deste antes da fundação do mundo e este amor fez com que enviasse Seu Filho para sofrer o castigo dos meus pecados e cumprir a lei que eu havia quebrado inúmeras vezes.

E agora, quando eu me achava displicente como nunca a Seu respeito, Ele enviou o Seu Espírito ao meu coração. Ia à igreja raramente. Apenas por hábito tomava a Ceia do Senhor duas vezes por ano. Nunca ouvira uma pregação do Evangelho até o começo de novembro de 1825. Nunca havia estado com alguém que me dissesse da possibilidade de viver com o auxílio do Espírito Santo de acordo com os princípios das Sagradas Escrituras.

Em resumo, nem tinha ideia de que havia pessoas diferentes de mim, a não ser em grau mais ou menos elevado de pecado.

Certo sábado, à noite, no começo de novembro, fui dar uma volta com meu amigo Beta. Voltando, ele disse que tinha o hábito seu de ir à casa de um crente, onde havia uma reunião. Ao perguntar-lhe que espécie de reunião era, ele me disse que eles liam a Bíblia, cantavam, oravam e liam um sermão escrito. Ouvir isto, foi como achar algo que eu procurava a vida inteira. Imediatamente mostrei meu desejo de acompanhá-lo, mas ele a princípio não quis levar-me conhecendo-me bem e sabendo do tempo que eu passava em farras, imaginou que eu não haveria de gostar desta reunião.

Afinal, porém, ele concordou em levar-me. Seria bom dizer a esta altura que Beta já estivera em comunhão com o Senhor na idade de 15 anos. Posteriormente, afastado de Deus, foi conosco naquela viagem para a Suíça, depois de passar algum tempo desfrutando das coisas do mundo. Voltando da viagem, porém, ele se sentia tão infeliz e insatisfeito que, convencido de seu erro, confessou tudo ao pai e, no final das férias, ficou conhecendo um cristão verdadeiro chamado Richter. Este Dr. Richter deu-lhe, ao voltar à Universidade, uma carta de apresentação a um

comerciante também cristão chamado Walgner e era na casa deste senhor que a reunião se realizava.

Fomos juntos aquela noite e como eu não conhecesse o modo de vida dos crentes nem a alegria que sentem ao ver um pecador buscando de qualquer maneira as coisas de Deus, pedi desculpas pela minha presença. A resposta amável deste querido irmão nunca poderei esquecer. Ele disse: “Venha sempre que quiser; a nossa casa e o nosso coração estão abertos a você”. Assentamo-nos e cantamos um hino. Depois o sr. Kayser, posteriormente missionário na África, ligado à Sociedade Missionária de Londres, que morava em Halle, naquela época, ajoelhou-se e pediu a bênção do Senhor sobre a reunião.

O ajoelhar causou em mim profunda impressão porque nunca vira alguém de joelhos, nem eu orava de joelhos. Em seguida, ele leu um trecho da Bíblia e leu um sermão impresso, pois não era permitida uma reunião de exposição das Escrituras na Prússia a não ser que um pastor formado estivesse presente. No final, cantamos um hino e o dono da casa orou. Enquanto ele orava, eu pensava assim: “Eu não poderia orar tão bem, embora seja mais erudito que este senhor”. A reunião me impressionou profundamente. Eu me sentia feliz, mas não poderia ter explicado a razão da minha felicidade.

Quando voltamos para casa, eu disse ao Beta: “Tudo o que vimos em nossa viagem à Suíça e todos os prazeres gozados anteriormente não são nada em comparação com esta noite”. Se ajoelhei-me ou não ao entrar em meu quarto, não me lembro, mas lembro-me de que eu deitei feliz e em paz. Isto mostra que o Senhor pode começar a Sua obra bem diferente e eu não tenho a menor dúvida de que aquela noite Ele começou a Sua obra de graça em mim, embora tenha recebido alegria sem ter sentido grande tristeza de coração pelos meus pecados e com um conhecimento muito limitado.

Aquela noite marcou o começo de uma nova vida. No dia seguinte, na segunda-feira, e uma ou duas vezes por semana, voltei à casa daquele irmão a fim de ler as Escrituras porque

achava demais esperar pelo próximo sábado. Minha vida agora era diferente, embora não deixasse todos os meus pecados de uma vez. Rompi, imediatamente, com meus amigos incrédulos; deixei de passar o tempo nos bares, mas alguma vez ainda menti.

Nesta época eu estava ocupando em traduzir um livro do francês para o alemão a fim de realizar mais um sonho: o de conhecer Paris. Desisti logo dos planos para a viagem, mas não tinha o conhecimento necessário para perceber que o trabalho que fazia não era digno e terminei-o. Entretanto, o Senhor colocou muitos obstáculos no caminho, não permitindo que eu vendesse o manuscrito. Afinal percebendo o que acontecia, tomei a resolução de não vendê-lo e pude ficar firme. Queimei-o.

Eu agora não vivia constantemente em pecado, embora muitas vezes caísse, mas com bem menos frequência e sempre com tristeza de coração. Passei a ler as Escrituras, orava bastante, sentia amor pelos irmãos, ia à igreja por motivo certo e me coloquei ao lado de Cristo, embora sendo motivo de muita zombaria por parte de meus colegas.

Devo dizer que agora o Senhor, de maneira notável, supriu minhas necessidades materiais, pois logo depois vários senhores, alguns dos quais em colégios americanos, chegaram a Halle por motivos educacionais. Como eles não sabiam o alemão, o Dr. Tholuck recomendou-os aos meus cuidados para o estudo da língua. Estes senhores, alguns dos quais eram crentes, pagavam tão liberalmente pelas aulas que eu lhes dava e pelas conferências de certos professores que eu anotava para eles, que tinha o suficiente e ainda sobrava. Assim, o Senhor recompensou ricamente o pouco que eu havia deixado por Sua causa. “Temei ao Senhor, vós os Seus santos, pois nada falta aos que O temem”.

Começou a ler literatura missionária e sentir o desejo de ser também missionário. Seu pai, que gastara muito dinheiro com sua educação e esperava terminar os seus dias confortavelmente

instalado na paróquia do seu filho, mostrou-se muito desgostoso com a ideia.

Logo depois disto, sentindo no coração o desejo de sair como missionário e querendo resolver logo o assunto, sem querer esperar calma e pacientemente em oração pela resposta divina, cheguei à conclusão de que descobriria a vontade do Senhor através da sorte na loteria, tanto que comprei um bilhete e resolvi que, se eu ganhasse alguma coisa, saberia ser da Sua vontade que me tornasse missionário e, se não ganhasse nada, ficaria em casa. Meu bilhete saiu com um pequeno prêmio, o que me levou a pensar que deveria ser missionário. Fiz inscrição na Sociedade Missionária de Berlim, mas não fui aceito porque meu pai não dera o seu consentimento.

Logo depois, fui levado a reconhecer um pouco e posteriormente mais completamente o erro em que caíra a respeito da loteria. Deveria ter dito a mim mesmo: “Como é que um indivíduo tão ignorante como você pode pensar em ensinar a outros?” Eu, na realidade, havia nascido de novo e confiava apenas em Cristo para a minha salvação; no entanto, não seria capaz de explicar, ainda que de maneira mais simples, os fatos elementares da verdade do Evangelho. Como poderia então ensinar aos outros?

A primeira coisa que deveria ter feito era procurar, através de muita oração e busca nas Escrituras e vivendo uma vida pura, obter mais conhecimento das coisas divinas. Além disso, quanto à minha impaciência em querer resolver imediatamente o assunto como seria capaz de suportar as dificuldades e lutas da vida missionária, na qual, sem dúvida, a minha paciência seria muito mais severamente testada?

Para conhecer a vontade do Senhor devemos usar os meios de acordo com as Escrituras. A oração, a Palavra de Deus e Seu Espírito devem-se unir. Devemos entrar na presença do Senhor pela oração, vez após vez, e pedir-Lhe que nos ensine pelo Seu Espírito e através da Sua Palavra. Digo pelo Seu Espírito e através da Sua Palavra porque, se pensamos que Seu Espírito nos leva a determinada

conclusão, mas a Sua Palavra se opõe ao passo que queremos tomar, estaremos enganando-nos a nós mesmos.

Gostaria também de dizer que o Senhor, na Sua grande misericórdia, deu-me logo no começo da vida espiritual grande medida de simplicidade e de confiança total quanto às coisas espirituais, de modo que, embora ainda muito ignorante quanto às Escrituras, e ainda por vezes dominado por tentações, no entanto podia levar mesmo as coisas menores ao Senhor em oração e descobri que “a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser”.

Embora muito fraco e ignorante, tinha agora, pela graça de Deus, desejo de servir aos outros e aquele que uma vez com muita fidelidade servira a Satanás procurava agora ganhar almas para Cristo.

Conheceu um professor que morava em uma cidadezinha perto de Halle e que organizava uma reunião de oração para os mineiros, de manhã bem cedo, antes que fossem ao trabalho.

Este professor perguntou-me certa vez se eu não gostaria de pregar porque o idoso pároco ficaria muito satisfeito com a ajuda que eu poderia prestar. Até esta época nunca havia pregado, embora já fizesse quinze meses que poderia tê-lo feito, como estudante de Teologia que era, mas desde antes do Natal de 1825 a misericórdia de Deus me guardou de tentar pregar (embora tivesse escrito a meu pai em julho dizendo-lhe que o havia feito, sabendo que isto o agradaria) e depois do Natal, quando cheguei a conhecer ao Senhor evitei fazê-lo por reconhecer que muito pouco sabia ainda das coisas de Deus.

A mesma razão deveria ter feito com que ainda me calasse, mas pensei que se tomasse um sermão escrito por algum servo inspirado e o memorizasse talvez pudesse trazer algum benefício ao povo. Se eu agisse inteiramente de acordo com as Escrituras deveria ter pensado: “Certamente não pode ser vontade de Deus que eu pregue desta maneira se eu não tenho capacidade de escrever um sermão”.

Mais do que isto, não me achava suficientemente esclarecido para perceber que eu tomava a posição de enganador, porque todos supõem que o sermão pregado por alguém, se não inteiramente, pelo menos em grande parte é de sua própria composição.

Passei então a procurar um sermão e a memorizá-lo. Foi tarefa árdua. Não há alegria nas tarefas e atitudes próprias da carne. Levei uma semana inteira para decorar o sermão que duraria menos que uma hora. Consegui fazê-lo, mas não senti nenhum prazer no trabalho. Isto foi no dia 27 de agosto de 1826, às oito da manhã, na igreja da qual fazia parte o meu amigo professor. Às onze horas repeti o mesmo sermão palavra por palavra. Às treze horas havia outro serviço religioso, no qual eu não necessitaria fazer nada, pois o professor poderia ter lido um sermão impresso, como costumava fazer.

Mas, tendo o desejo de servir ao Senhor, embora não sabendo como fazê-lo de acordo com as Escrituras e tendo motivos para crer que o Evangelho era raramente pregado naquele lugar, veio-me à mente ler Mateus, capítulo 5, e comentar na medida do possível. Foi o que fiz. Imediatamente, ao começar a falar sobre “bem-aventurados os humildes de espírito”, senti o auxílio do Espírito Santo e, embora o sermão da manhã não tivesse a simplicidade necessária à compreensão do povo, agora ouviam-me com a máxima atenção e quero crer também com compreensão. Senti enorme alegria e paz; senti que fizera um trabalho abençoado.

Sentindo-se animado, começou a pregar repetidas vezes, de maneira simples. Morou por dois meses em um Orfanato fundado na dependência de Deus por um crente chamado A.H.Francke, professor de Teologia em Halle, o que deixou profunda impressão em sua mente. Também aproveitou bastante dos sermões de um ministro piedoso chamado Dr. Tholuck. Na Universidade havia uma reunião para jovens que

começou com cerca de 6 elementos, mas aumentou até chegar ao número de 20. Oravam juntos, liam as Escrituras e cantavam um hino, sendo que às vezes um ou outro falava algumas palavras. Soubemos ter ele dito sentir-se grandemente animado e tocado depois destas reuniões.

Devo dizer também que caí no erro em que muitos jovens crentes caem, isto é, na leitura de livros religiosos tomando o lugar da Bíblia. Não achava mais prazer na leitura dos livros que anteriormente ocupavam o meu tempo, mas, mesmo assim, não pusera no lugar destes o melhor de todos os livros. Lia tratados, revistas missionárias e biografias de pessoas piedosas. Estes últimos foram de mais proveito que os anteriores e, se tivessem sido bem selecionados ou se não tivesse lido tantos escritos deste tipo ou se algum deles me levasse a um amor maior às Escrituras, poderiam ter-me feito muito bem.

Nunca tivera o hábito de ler a Bíblia. Antes dos quinze anos, às vezes lia um pequeno trecho na escola, mas, depois disto, a preciosa Palavra de Deus foi inteiramente abandonada, tanto que não me lembro de ter lido um único capítulo até a ocasião que Deus em Sua graça começou a Sua obra no meu coração.

Deveria ter pensado assim: “Deus mesmo se condescendeu em tornar-Se um Autor e eu nada sei deste precioso Livro que o Seu Espírito inspirou pela instrumentalidade de Seus servos. Ele contém o que eu deveria saber, o conhecimento que me levará à verdadeira felicidade. Portanto, eu devo ler, dia após dia, este Livro precioso, o Livro dos livros, com toda sinceridade e oração, meditando no que leio e devo continuar este exercício todos os dias de minha vida”. Eu estava ciente, embora lesse pouco, que nada conhecia da Bíblia, mas em vez de agir corretamente tornei-me displicente, levado pela ignorância da Palavra de Deus, pela dificuldade em compreendê-la e pelo pouco prazer que tinha em sua leitura. Como muitos outros

crentes, mostrava preferência durante os primeiros anos de minha vida espiritual pelos livros escritos por homens.

Agora posso dizer que a leitura cuidadosa da Bíblia em espírito de oração, não serve apenas para aumentar o conhecimento, mas aumenta também o prazer em assim fazer. A consequência de minha atitude foi que permaneci em estado infantil, espiritualmente falando, tanto em conhecimento quanto em graça, digo em conhecimento porque todo o verdadeiro conhecimento deve começar pelo Espírito da Palavra. Durante estes quatro anos de negligência, estava em tal estado de ignorância que não conhecia claramente as coisas fundamentais da fé cristã e esta falta de conhecimento infelizmente impediu-me de andar seguro nos caminhos do Senhor. É a verdade que nos liberta (João 8.31-32), livrando-nos da escravidão da carne, dos olhos e do orgulho da vida.

A própria Palavra o prova, a experiência dos santos o prova e a minha experiência seguramente o prova, pois, quando aprouve ao Senhor em agosto de 1829 mostrar-me o meu erro e trazer-me realmente ao estudo das Escrituras, a minha vida e o meu andar tornaram-se realmente diferentes e, embora depois disto, tenha falhado grandemente em relação ao que poderia ter sido, no entanto, pela graça de Deus, pude viver bem mais perto dEle do que antes.

Em agosto de 1827, apresentou-se a uma sociedade missionária a fim de ir a Bucarest, mas o seu plano não deu certo e a conselho do Dr. Tholuck apresentou-se a uma missão londrina aos judeus. Uma dificuldade a enfrentar era o fato de poder ser requisitado pelo exército para fazer o serviço militar. Teve, entretanto, a esta altura uma severa hemorragia no estômago.

Fui examinado e declarado incapaz para o serviço militar. Com o atestado médico e uma carta de referência do major, fui até o general, o qual recebeu-me com muita atenção e imediatamente chamou outro médico do exército para que fizesse o segundo exame. Feito isto e confirmada a minha

incapacidade, como os ajudantes do general estivessem ausentes, ele mesmo escreveu de próprio punho os documentos necessários e eu me vi livre para toda a vida de quaisquer compromissos militares. Foi muito mais do que eu poderia esperar o próprio militar falou-me de maneira muito bondosa, apontando várias partes das Escrituras que ele me aconselhava a levar ao conhecimento dos judeus, principalmente Romanos, capítulo 11.

Removido este obstáculo, ele foi a Londres no ano de 1829 para treinamento na escola pertencente à sociedade missionária..

Meus colegas no seminário, a maioria deles alemã, tinha instrução em hebraico, latim, grego, francês e alemão, sendo que poucos haviam tido uma educação clássica. Eu lia apenas hebraico e fui declarado dispensado do restante. Lembro-me de como desejava ardentemente poder falar inglês, principalmente ao ouvir um colega alemão fazê-lo, logo depois da minha chegada.

Lembro-me também de quanto prazer senti ao falar pela primeira vez a um garoto que encontrei no campo sobre o amor de Jesus, pensando ser ele mais tolerante com o meu péssimo inglês. Agora passava muito tempo em estudo (cerca de doze horas por dia), principalmente com o hebraico; comecei a estudar o caldeu, me aperfeiçoava na leitura dos tipos rabínicos judeus, devorava porções do Antigo Testamento hebraico e assim por diante. Tudo isto o fazia com oração, ajoelhando-me muitas vezes, deixando por um pouco os livros a fim de pedir a bênção do Senhor, tentando evitar também a inércia espiritual, o que é muitas vezes o resultado de muito estudo.

Dirigia-me a Deus mesmo, enquanto virava as páginas do meu dicionário hebraico, pedindo o Seu auxílio em achar logo as palavras. Meu progresso na língua inglesa foi muito pequeno porque convivia com patrícios e falava quase que exclusivamente o alemão.

A minha experiência própria neste sentido leva-me a afirmar, caso estas palavras chegarem a alguém que deseja

trabalhar como missionário entre povo cuja língua não é a sua própria, que deve procurar não somente viver entre eles, mas também, na medida do possível, separar-se daqueles que falam a sua língua, pois quando estive em Devonshire, alguns meses depois, completamente isolado daqueles que falavam alemão, diariamente via progresso, enquanto que em toda a minha estadia em Londres pouco havia aproveitado.

Em Londres ficou muito doente e foi enviado a Teignmouth para a sua recuperação, onde encontrou Henry Craik, um escocês calmo, piedoso e estudioso que tornou-se, mais tarde, o seu melhor amigo e colega de ministério por quarenta e quatro anos. Foi levado a um estudo maior das Escrituras e aprendeu a considerar somente a Bíblia como guia e padrão em coisas espirituais. Passou a ter a convicção da Segunda Vinda do Senhor. Sentia-se infeliz pela sua ligação com a sociedade missionária. Provavelmente seria enviado a trabalhar entre os judeus na Europa e sabia que, a menos que aceitasse a ordenação, muito pouco poderia fazer, sem incorrer em várias penalidades, mas sentia que a ordenação seria um jugo que o prenderia bastante. Além disto, sentia que não seria certo restringir seu ministério apenas aos judeus. Apresentou a sua demissão, apesar do fato de ficar sem qualquer meio de ganho, a não ser a promessa de Deus que, se buscarmos o Seu Reino e a Sua Justiça em primeiro lugar, nossas necessidades materiais serão supridas (Mateus 6.33).

No dia 30 de dezembro, deixei Londres com destino a Exmouth, onde pretendia passar minhas férias na casa de amigos cristãos que haviam-me hospedado no verão anterior, principalmente com a intenção de pregar lá durante uma quinzena e, ao mesmo tempo, estudar com calma a minha proposta à sociedade. Cheguei a Exmouth às seis da tarde, uma hora antes do início de uma reunião de oração na Casa

de Oração Ebenézer. Meu coração ardia com o desejo de contar a todos da bondade do Senhor para comigo e de contar tudo aquilo que eu pensava não ser do conhecimento da maioria das pessoas.

Entretanto, não sendo chamado a falar e nem a orar, fiquei em silêncio. Na manhã seguinte, falei sobre a diferença entre um crente e um crente feliz e mostrei porque geralmente nos alegamos tão pouco no Senhor. Este meu primeiro testemunho foi usado como bênção para muitos crentes e creio que o foi porque Deus queria mostrar-me que estava comigo. Provou ser uma bênção para uma senhora que durante dez anos havia sofrido muito e que viera de Exeter para estar presente aquela manhã na reunião.

1830

Depois de ficar umas três semanas em Exmouth e redondezas, fui a Teignmouth com a intenção de ficar ali uns dez dias, pregando a Palavra de Deus entre os irmãos que havia conhecido no verão anterior e contando a eles da bondade do Senhor para comigo.

Um dos irmãos disse logo após a minha chegada a Teignmouth: “Que bom seria se ficasse aqui como nosso ministro, pois o atual vai deixar-nos brevemente”. Respondi-lhe que a minha intenção era não ficar num só lugar, mas percorrer todo o país pregando a Palavra de Deus de acordo com a Sua orientação.

Na segunda-feira de manhã falei em lugar do irmão Craick em Shaldon, na presença de três ministros, nenhum dos quais apreciou a mensagem. No entanto, aprovou a Deus trazer por intermédio dEle ao conhecimento do Seu Filho uma jovem que trabalhava para um destes ministros e que ouvira seu patrão pregar muitas vezes. Como é diferente o julgamento de Deus e o do homem!

Esta era a oportunidade para o Senhor extrair glória ao Seu Nome. Um estrangeiro era o pregador, lutando com grandes obstáculos naturais, pois não tinha fluência no inglês. Tinha apenas um enorme desejo de servir a Deus e estava a esta altura em tal estado de espírito que desejava

apenas que o Senhor recebesse a glória, se algum bem pudesse advir do seu ministério. Quantas vezes, depois disso, tenho sentido também que a Sua força se aperfeiçoa através da minha fraqueza.

Na terça-feira à noite, falei na Casa de Oração Ebenézer em Teignmouth, a mesma Casa de Oração onde encontrei com a pessoa que Senhor tanto usou mais tarde para o meu bem.

Lá também muitas pessoas se mostraram descontentes com o que falava, mas o Senhor abriu alguns corações para receberem a verdade e outra jovem senhora entregou sua vida através da Palavra anunciada.

Na quarta-feira falei novamente na mesma Casa de Oração, sendo que um número maior se mostrava insatisfeito com a mensagem, mas, mesmo assim, vimos aumentar o número daqueles que recebiam a verdade em amor.

Na quinta-feira falei novamente em Shaldon e na sexta em Teignmouth, havendo a mesma reação: por um lado, crítica e por outro lado outro lado, gozo e alegria. A conclusão a que cheguei era que o Senhor pretendia usar-me para a Sua glória em Teignmouth e que, portanto, Satanás, temendo isso, procurava levantar oposição.

No domingo falei três vezes e sentia profundamente a importância de preciosas verdades que havia recentemente aprendido, desejando ardentemente ser usado para transmiti-la aos outros.

A esta altura, um bom número de irmãos havia manifestado o seu desejo de que eu permanecesse em Teignmouth como seu ministro, enquanto que outros se opunham a isto. Esta oposição foi o necessário para que eu resolvesse ficar por um pouco de tempo enquanto não fosse rejeitado de maneira formal e tomei a atitude que passo a narrar a seguir, atitude esta que talvez não repetiria em circunstâncias iguais, mas que certamente foi tomada em amor àqueles implicados na questão e procurando a glória de Deus.

Na terça-feira seguinte, depois de falar, eu disse aos irmãos como, na providência de Deus, havia sido levado àquele lugar, sem intenção de permanecer ali, mas que, ao chegar, encontrando-os sozinhos, sentia ser a vontade de Deus que permanecesse entre eles.

Disse também que estava ciente da oposição de alguns, mas que, mesmo assim, pretendia ficar e pregar até ser rejeitado. Se dissessem que eu poderia pregar, mas que não me dariam salário não faria a menor diferença, porque eu não pregava por dinheiro, mas disse-lhes que era grande honra poder ajudar no suprimento material de qualquer servo de Cristo.

Falei ainda três vezes no domingo, sendo que ninguém dizia: “Não fale”, mas muitos demonstravam seu descontentamento. Alguns saíram e nunca mais voltaram, outros saíram e voltaram depois de algum tempo e ainda outros, que nunca haviam frequentado as reuniões antes da minha chegada, passaram a frequentá-las. Havia provas suficientes de que o trabalho de Deus continuava, pois havia aqueles que se mostraram contentes ao ouvirem a Palavra de Deus, sem se importarem com os erros de gramática de um estrangeiro, mas deliciando-se no alimento fornecido para as suas almas sem darem atenção à forma gramatical em que era apresentado este alimento. Estes não eram menos espirituais do que os outros.

Havia também os que se opunham decididamente, sendo que alguns mostravam apenas fraqueza de irmãos, enquanto que outros mostravam toda a amargura dos inimigos da cruz de Cristo. Além disto, houve um despertar de interesse, causando uma busca nas Escrituras para verificar se estas coisas eram realmente assim. E o mais importante é que Deus mostrou a Sua aprovação, salvando almas e trazendo-as à luz do Seu conhecimento.

Por doze semanas permaneci nesta posição. Enquanto isso, o Senhor supriu minhas necessidades materiais através de dois irmãos que o fizeram de livre e espontânea vontade. Passado este tempo, a igreja toda que se compunha de

dezoito membros, convidou-me a permanecer com eles como pastor. Respon-di-lhes que o seu convite muito me alegrava por duas razões: tanto porque me mostrava ser da vontade de Deus que permanecesse por algum tempo em sua companhia como também porque Deus os havia abençoado através da minha pessoa para que estivessem assim de acordo.

Disse-lhes, porém, que ficaria apenas enquanto sentisse claramente que esta era a vontade de Deus, pois não havia desistido da minha intenção de ir de localidade em localidade, se o Senhor assim o permitisse. Por este tempo, os irmãos ofereceram-se a suprir as minhas necessidades materiais, dando-me 55 libras por ano, quantia esta que mais tarde foi aumentada, devido ao acréscimo de novos membros à igreja.

O que tenho achado mais útil no ministério da Palavra é a exposição das Escrituras, o que pode ser feito de duas maneiras: examinando detalhadamente o significado de cada frase da porção bíblica ou estudando o seu sentido geral, levando assim os ouvintes a perceberem o significado e conteúdo global. As vantagens que tenho visto da exposição da Palavra são as seguintes: os ouvintes são levados, com a bênção de Deus, às Escrituras, o que os incentiva a trazer a sua Bíblia ao estudo pode perceber que muitos que inicialmente não traziam a sua Bíblia, passaram a trazê-la.

Em segundo lugar, a exposição das Escrituras deixa os ouvintes com um elo de ligação, sendo que, posteriormente, ao lerem a passagem, lembram-se do que foi exposto e isto, com a bênção de Deus, deixa a impressão mais duradoura nas mentes.

A exposição da Palavra de Deus traz pouca honra ao pregador, principalmente por parte do ouvinte displicente ou desinteressado, mas leva benefícios aos ouvintes em geral. É imprescindível a simplicidade de expressão enquanto se expõe a verdade. O alvo do pregador deve ser que crianças, pessoas simples e analfabetas possam compreendê-lo, tanto quanto a mente humana possa compreender as coisas de Deus.

Em abril desde ano encontrou alguns dirigentes cristãos em Sidmouth que o convidaram a estudar o que as Escrituras diziam a respeito do batismo e, embora a sua primeira reação fosse hostil, chegaram à conclusão de que era seu dever de crentes verdadeiros serem batizados por imersão.

Durante este verão também cheguei à conclusão de que era de acordo com as Escrituras, seguindo o exemplo dos apóstolos (Atos 20.7), o partir o pão todos os domingos, embora não haja mandamento expresso para assim fazer nem por parte do Senhor e nem do Espírito Santo através dos apóstolos. Pareceu-me também certo, e de acordo com as Escrituras, seguindo Efésios, capítulo 4, e Romanos, capítulo 12, que deve-se dar lugar para o Espírito Santo agir através de qualquer crente que Ele julgar apto para tanto através do que o Senhor lhe concede. Assim, em certas reuniões, qualquer um dos irmãos deve ter a oportunidade de exortar ou de ensinar, se tiver algo a dizer que seja uma bênção para os ouvintes.

Gostaria de dizer a esta altura que o Senhor concedeu-me a graça suficiente para tentar pôr em prática, imediatamente, aquilo que, em Seu amor, me revelara, mas como a verdade fosse assimilada apenas em parte, houve muitas falhas na maneira em que tentara pô-la em prática.

Foi alguns anos mais tarde que o Senhor Se agradou de revelar a verdade de maneira mais completa, isto é, que os discípulos de Jesus devem reunir-se no primeiro dia da semana para o Partir do Pão, que esta deve ser a principal reunião e que aqueles que são realmente dotados pelo Espírito Santo para o serviço, quer seja exortação ou ensino, são responsáveis perante o Senhor pelo exercício destes dons.

Tudo isto, para mim, não é questão de opinião duvidosa, mas é assunto sobre o qual a minha alma, pela graça de Deus, se acha firmemente convencida, através da revelação da vontade de Deus.

CASAMENTO COM A SRTA. GROVES

No dia 7 de outubro casei-me com a Srta. Mary Groves, irmã de Anthony Norris Groves. Este passo foi dado depois de muita consideração e oração e chegando à perfeita convicção de que era melhor ser casado. Nunca me arrependi, nem da atitude em si e nem da escolha feita, mas sou sinceramente agradecido a Deus por ter-me dado tal esposa.

A esta altura, Müller começou a ter dúvidas sobre a maneira em que esta igrejazinha remunerava seus serviços. Seu salário era proveniente do aluguel dos bancos da Casa de Oração, o que parecia estar em desacordo com Tiago 2.1-6. Bem poderia ser que o dinheiro fosse dado de mau grado ou em tempo inconveniente. Um salário poderia tentá-lo a ser menos fraco na sua pregação, com medo dos homens. Assim sendo, ele não só pediu à igreja que deixasse de lhe dar um salário regular, como resolveu nunca deixar ninguém saber, mesmo indiretamente, se estava com necessidade de auxílio. Um caixa foi colocada junto à porta do templo e donativos para o seu sustento deveriam ser colocados ali.

8 de novembro - Nosso dinheiro se achava reduzido a algumas moedas. Quando orava com minha esposa pela manhã, o Senhor me fez lembrar o estado de nossas finanças e fui levado a pedir Seu auxílio. Cerca de quatro horas mais tarde, estávamos com uma irmã em Bishopsteignton e ela me disse: “Você quer dinheiro?” Respondi-lhe que havia dito aos irmãos que, de agora em diante, contaria apenas ao Senhor quais as minhas necessidades, ao que ela respondeu: “Mas Ele me mandou que lhe desse este dinheiro. Cerca de quinze dias atrás, orei perguntando o que poderia fazer por ele e Ele me disse que lhe desse e sábado passado novamente veio este pensamento e persistiu tanto que ontem à noite tive que conversar com o irmão P.”

Meu coração se encheu de alegria, vendo a fidelidade do Senhor, mas achei melhor nada contar-lhe sobre a nossa situação financeira, o que poderia fazer com que nos desse de

acordo com o que eu lhe pedisse e eu tinha certeza que, se fosse da parte do Senhor, certamente ela daria o necessário. Assim, desviei a conversa para outros assuntos, mas ao sair ela deu-me dois guinéus.

Ficamos cheios de alegria por causa desta demonstração da bondade do Senhor. Gostaria de chamar a atenção do leitor para o amor e misericórdia de Deus, pois nos testou a nossa fé logo no início, mas deu-nos primeiro o ânimo necessário, permitindo que víssemos Seu interesse em ajudar-nos antes de levar-nos ao próximo passo, experimentando-nos mais plenamente.

31 de dezembro - Termina hoje o ano de 1830. Através de todo este tempo, o Senhor supriu ricamente todas as minhas necessidades materiais, embora eu no começo do ano não tivesse certeza nem de um tostão. Assim mesmo, no que e refere às coisas materiais, nada perdi em agir de acordo com os ditames da minha consciência e, quanto à parte espiritual, o Senhor realmente me abençoou de maneira maravilhosa, levando-me a um conhecimento maior em muitos aspectos e, além disso, se condescendeu em usar-me como Seu instrumento de trabalho.

Nos dias 6, 7 e 8 de janeiro de 1831, repetidamente pedi ao Senhor que nos desse dinheiro, sem nada receber. À tarde do dia 8 de janeiro, deixei o meu quarto por alguns minutos e fui tentado a desconfiar do Senhor, embora Ele houvesse sido tão misericordioso conosco, não apenas suprimindo as necessidades do dia como também respondendo a todas as orações que acabo de mencionar.

Cheguei ao ponto nestes minutos de pensar que nada adiantaria confiar no Senhor desta maneira. Mas graças a Deus, esta tentação durou poucos minutos. Ele fez com que eu pudesse novamente confiar nEle e Satanás ficou confundido, pois, ao voltar ao meu quarto (de onde me ausentara apenas dez minutos), o Senhor já mandara auxílio, pois uma irmã em Cristo que morava em Exeter viera a Teignmouth, trazendo-nos 2 libras e 4 xelins.

10 de janeiro - Hoje, novamente, quando tínhamos apenas algumas moedas, recebemos 5 libras que haviam sido colocadas na caixa. Eu havia dito aos irmãos que cuidavam destas coisas que, se possível, me dessem o dinheiro no fim de cada semana, mas, ou por esquecimento destes queridos irmãos ou por acanhamento de trazer somas tão pequenas, geralmente traziam-me o dinheiro a cada três, quatro ou cinco semanas.

Mas como dissera desde o início que desejava esperar apenas no Deus vivo para o suprimento das minhas necessidades e não confiar na caixa das ofertas e nem no homem, achei que não seria certo lembrá-los que gostaria de receber o dinheiro semanalmente, temendo impedir o testemunho que eu desejava dar, isto é, confiar apenas no Deus vivo. Foi por isto que, no dia 28 de janeiro, quando novamente tínhamos apenas um pouco de dinheiro, embora eu visse os responsáveis abrirem a caixa das ofertas e retirar o dinheiro, no dia 24, não pedi ao irmão que mo desse, mas orei ao Senhor que tocasse no seu coração para que o trouxesse e logo depois, o recebemos: uma libra, 8 xelins e 6 pence.

12 de junho - Dia do Senhor. Na última quinta-feira, fui com o irmão Craik a Torquay, para lá pregar. Tinha apenas uns 3 xelins comigo, deixando uns 6 xelins com minha esposa em casa. O Senhor forneceu acomodação, através da hospitalidade de um irmão. Repetidas vezes pedi dinheiro ao Senhor, mas, ao voltar para minha casa, minha esposa tinha apenas uns 3 xelins.

Esperamos ainda no Senhor. O dia de ontem passou e nada. Tínhamos apenas 9 xelins. Esta manhã ainda estávamos esperando no Senhor, buscando o suprimento de nossas necessidades. Tínhamos apenas um pouco de manteiga para o café, o necessário para o irmão E. e um parente que estavam conosco a quem não contamos as nossas necessidades a fim de não ficarem constrangidos. Depois da Ceia, o irmão Y., inesperadamente abriu a caixa de ofertas e, dando-me o dinheiro numa hora tão inesperada,

disse que ele e sua mulher não conseguiram conciliar o sono na noite anterior por pensar que talvez precisássemos de dinheiro. O mais notável é que depois de repetidamente pedirmos ao Senhor, sem nada receber, orei pedindo que o Senhor se agradasse de fazer sentir ao irmão Y. que precisávamos de dinheiro. Nela havia uma libra, 8 xelins e 10 pences e meio. Nossa alegria, diante de mais esta manifestação do amor de Deus, foi grande e louvávamos a Deus de todo o coração.

20 de julho - Um bom pedaço de carne e um pão nos foram enviados anonimamente. Fiquei sabendo algum tempo depois que Satanás levantara a calúnia de que estávamos passando fome e, devido a isto, um crente mandou esta provisão. Gostaria de mencionar que vários comentários circularam por causa desta nossa maneira de viver.

Às vezes foi dito que não tínhamos o suficiente para comer e que certamente seríamos acometidos de tal e tal doença por não termos as necessidades para a vida. Mas a verdade permanece e é que, embora muitas vezes nos achássemos em situação tal de não termos mais uma moeda ou termos o último pão na mesa sem ter o necessário para a compra de mais um, nunca nos assentamos na mesa sem que o nosso bom Deus tivesse providenciado alimento nutritivo para nós.

Sinto-me na obrigação de dizer isto e o faço com prazer. O meu Mestre, tem sido um bom Mestre e se hoje tivesse que escolher novamente a maneira de viver, com a graça de Deus não escolheria diferente. Embora estes comentários fossem falsos, o Senhor os usou como meio para incutir no coração de Seus filhos a lembrança das nossas necessidades materiais.

19 de novembro - Não tínhamos o necessário para o pagamento de nosso aluguel semanal, mas o Senhor bondosamente enviou-nos 14 xelins e 6 pence. Gostaríamos também de dizer que não fazemos dívidas. Consideramos isto contrário às Escrituras (de acordo com Romanos 13.8) e, portanto, não temos conta com alfaiate, sapateiro, armazém,

açougueiro, padeiro, etc., mas o que compramos pagamos a dinheiro. Deus nos ajudando, preferimos passar necessidade a contrair dívidas. Assim, sabemos quanto temos e de quanto podemos dispor.

Gostaria de pedir ao leitor crente que considere este assunto em oração porque tenho certeza que muita dificuldade vem sobre os filhos de Deus devido a sua desobediência de Romanos 13.8.

Depois de termos no dia 31 de dezembro de 1831 examinado a bondade do Senhor durante todo o ano no suprimento de nossas necessidades, tínhamos em mãos cerca de 10 xelins. Pouco depois disto, a providência de Deus exigiu esta quantia, de modo que nada sobrou. Assim, terminamos o velho ano em que o Senhor tão graciosamente nos ajudara sem nada pedir a ninguém e recebendo um total de 131 libras, 18 xelins e 8 pence.

Além disto, muitas outras dádivas em bens materiais recebemos, inclusive roupas no valor de, pelo menos, 20 libras. Faço questão de mencionar estas coisas para mostrar que não temos nada a perder se agirmos de acordo com a mente do Senhor. Tivesse tido eu meu salário regular e não teria recebido tanto. Seja como for, uma coisa é clara: não tenho servido a um Mestre exigente e é isto que me alegro em mostrar, pois falar bem do Seu Nome, a fim de que meus amados irmãos que lerem estas linhas se animem a confiar nEle, é o propósito que tenho em escrever.

1832

7 de janeiro - Novamente, repetidamente pedíramos ao Senhor, ontem e hoje, que suprisse a nossa necessidade, pois estávamos sem condições de pagar o aluguel e esta noite, às onze horas, um irmão deu-nos 19 xelins e 6 pence, como prova de que o Senhor não se limita às horas do dia.

14 de janeiro - Esta manhã, nada tínhamos enão pão seco com chá. É apenas a segunda vez que isto nos acontece desde que vivemos pela simples fé na dependência de Cristo para o suprimento de nossas necessidades materiais.

Temos mais de 40 loibra em casa que são para ao pagamento de duas contas que deverão vencer daqui a duas semanas, mas não consideramos ser nosso este dinheiro e preferimos passar necessidade, com a ajuda de Deus, do que usar este dinheiro. Agradeço a Deus que me dá graça suficiente para confiar nEle mais nestes assuntos do que fazia outrora quando, em situação como esta, teria tirado do dinheiro, penando que, quando chegasse a ocasião do vencimento das contas, teria o suficiente para substituí-lo.

Olhamos para o nosso Pai e Ele não nos desapontou, pois agora que tínhamos apenas 3 pence, e um pedacinho de pão, recebemos 2 xelins e logo depois mais 5 xelins. Os detalhes destas dádivas tomariam espaço demais para relatar. Por este tempo, repetidas vezes eu orava junto com crentes doentes, até que fossem restaurados. Incondicionalmente eu pedia ao Senhor a bênção da saúde corporal (coisa que não poderia fazer agora) e quase sempre via a oração atendida.

Em alguns casos, porém, a oração não foi respondida. Da mesma forma, quando morava em Londres, em novembro de 1821, em resposta às minhas orações me vi livre de uma doença que me perseguira por longo tempo e que nunca mais voltou.

O que agora penso destes acontecimentos é o seguinte. Eu penso que foi da vontade de Deus dar-me, em tais casos, algo semelhante ao dom (não à graça) da fé, de modo que incondicionalmente podia pedir e esperar uma resposta. A diferença entre dom e graça da fé me parece o seguinte. De acordo com o dom da fé posso fazer algo ou acreditar que algo acontecerá, o que se não o fizesse não seria pecado. De acordo com a graça da fé posso fazer algo ou crer que algo acontecerá a respeito do qual tenho a Palavra de Deus como fundamento e, portanto, se não o fizesse ou não acreditasse isto seria pecado.

Por exemplo, seria necessário o dom da fé para crer que um doente pudesse ser restaurado, embora, humanamente falando não haja probabilidade disto, pois não há promessa a este respeito. A graça da fé é necessária para crer que o

Senhor me dará o necessário para viver, se eu buscar o Reino de Deus e a Sua Justiça em primeiro lugar, pois temos promessa clara a este respeito (Mateus 6.33).

12 de abril - Ainda tenho a impressão de que Teignmouth não é o meu lugar.

13 de abril - Encontrei, ao chegar a Torquay, onde estivera pregando, uma carta do irmão Craik, convidando-me a ir a Bristol, ajudá-lo. Parece-me, pelo que escreve, que lugares como Bristol são mais adequados aos meus dons. Oh, Senhor, ensina-me! Sinto hoje, mais do que nunca, que logo deixarei Teignmouth. Temo, entretanto, tomar uma atitude na carne e isto me deixa temeroso. Parece-me que logo irei a Bristol, se o Senhor o permitir.

14 de abril - Escrevi uma carta ao irmão Craik na qual lhe disse que iria se visse claramente ser isto a vontade do Senhor. Senti, hoje, insistentemente, mais do que nunca, que logo deixarei Teignmouth. Senti a necessidade de amanhã relatar tudo aos irmãos, a fim de que, através disto, poder conhecer melhor a vontade de Deus e, de qualquer maneira, poder contar com as suas orações para ser dirigido neste assunto pelo Senhor mesmo.

22 de abril - Hoje de manhã preguei na Casa de Oração Gideão, em Bristol. Embora o sermão tenha dado ocasião a comentários inverídicos, mesmo assim agradou ao Senhor fazer dele uma bênção para muitos e os comentários da mesma forma foram usados para trazer muitos indivíduos ao som da Palavra. À tarde, preguei na Casa de Oração Pithay. Este sermão foi uma bênção para muitas almas e, através dele, um bom número foi levado a voltar para ouvir o que o irmão Craik e eu tínhamos a dizer. Entre outros, um jovem que era notoriamente alcoólatra se converteu. Estava a caminho do bar e, encontrando um desconhecido que o convidou a ouvir um estrangeiro falar, aceitou, transformando-se de tal maneira que nunca mais entrou em um bar. Sua mulher contou-me posteriormente que ele se mostrava tão feliz no seu Senhor que muitas vezes esquecia-

se de jantar, enquanto lia as Escrituras. Ele morreu cinco meses depois.

Esta noite fui grandemente instruído ao ouvir o irmão Craik pregar. Estou agora plenamente convencido de que Bristol é o lugar onde o Senhor quer que eu trabalhe.

Depois de consultar os irmãos em Teignmouth, Craik e Müller resolveram ir para Bristol.

30 de abril - Foi bastante emocionante a despedida dos queridos filhos de Deus. Muitos estavam com lágrimas nos olhos, pedindo-nos que voltássemos logo. A bênção que o Senhor tem feito cair sobre o nosso ministério parece-me mui grande. Nós dois estamos claramente ser da vontade de Deus que venhamos para cá, embora não saibamos sob que circunstâncias. Um irmão prometeu responsabilizar-se pelo aluguel de uma Casa de Oração chamada Betesda, de modo que deveremos ter em Bristol dois bons pontos de reunião. Pude constatar hoje mais dois casos em que a minha pregação tem sido abençoada.

15 de maio - Os irmãos que se reúnem em Gideão aceitaram a nossa oferta de virmos sob as condições que fizemos, considerando-nos, por enquanto, como auxiliares, sem relação pastoral, a fim de que possamos pregar da maneira que consideramos de acordo com a vontade de Deus, sem estabelecermos regras entre eles, pedindo que fosse cancelado o aluguel dos bancos e que continuaríamos como em Devonshire em relação ao suprimento de nossas necessidades materiais. A nossa intenção é partirmos dentro de uma semana, embora nada esteja resolvido em relação a Betesda.

25 de julho - Hoje foi finalmente acertado o aluguel de Betesda por 12 meses, nas condições de que o irmão pagasse o aluguel imediatamente, ficando combinado que, se o Senhor abençoar os nossos trabalhos, de modo que crentes se reúnem em comunhão, ele esperará o auxílio destes, caso contrário, ele pagará tudo.

Foi a única maneira de alugarmos o local, pois não poderíamos crer ser a vontade de Deus alugarmos a Casa de Oração, embora mostrando grandes possibilidades de bênção, se isto nos tivesse tornado devedores. Tentamos alugar um local mais barato, mas não conseguimos encontrar um suficientemente grande para acomodar os ouvintes.

6 de julho - Hoje começamos as nossas reuniões em Betesda. Foi um bom dia.

13 de julho - Soubemos hoje da existência de alguns casos de cólera em Bristol.

16 de julho - Esta noite havíamos resolvido reservar o tempo entre as 18 e as 21 horas para entrevistas particulares com pessoas que quisessem conversar conosco sobre assuntos espirituais. Apareceram tantos que ficamos até as 22 horas e 21 minutos.

13 de agosto - Esta noite, um irmão e quatro irmãs se reuniram conosco em comunhão em Betesda, sem regra nenhuma, desejando apenas agir de acordo com o que Deus nos revelar através de Sua Palavra.

24 de agosto - Esta manhã, uma irmã no Senhor, que morava a poucos metros de nossa casa, foi atacada pela cólera e morreu esta tarde. Seu marido, também crente, também foi atingido e pode estar perto da morte. Os efeitos desta doença estão se tornando cada vez mais sérios, pois grande número de pessoas morre diariamente nessa cidade. Quem será o próximo? Só Deus sabe. Nunca estive tão consciente da proximidade da morte. A menos que o Senhor nos guarde esta noite, amanhã não estaremos mais na terra dos viventes. Agora, às 22 horas, o sino fúnebre toca novamente, como já o fez quase que a tarde toda. Toca o dia inteiro. Ó Senhor, entrego-me aos Teus cuidados. Eis-me aqui, um inútil filho Teu. E se esta noite eu for atingido pela cólera, minha única esperança e confiança está no sangue de Cristo, derramado para a remissão dos meus pecados. Já fui lavado e purificado através dele; a justiça de Deus me encobre. Até o momento, todos os crentes entre os quais o irmão Craik e eu trabalhamos têm sido guardados da doença.

Apenas um deles morreu, posteriormente, como consequência desta moléstia. Gostaria de observar que, embora o irmão Craik e eu tenhamos visitado muitos casos de cólera, dia e noite, o Senhor tem-nos guardado, a nós e a nossas famílias.

17 de setembro - Esta manhã, o Senhor nos deu um acréscimo a todas as Suas outras bênçãos: uma filhinha, Lídia.

1833

28 de maio - Esta amanhã, enquanto me achava o escritório, fiquei sabendo da necessidade de vários irmãos e irmãs e disse a mim mesmo: “Como gostaria que o Senhor Se agradasse conceder-me os meios necessários para ajudá-los”. Cerca de uma hora mais tarde, recebi 60 libras de um irmão, a quem nunca vira e morava, como ainda nora, a grande distância. Isto mostra como o Senhor, de varias maneiras, pode ajudar o Seu povo e que não se limita a lugares. Que o meu coração transborde de gratidão ao Senhor!

29 de maio - Uma revisão do nosso trabalho desde que viemos a Bristol no mostra o seguinte: 1)Agradou ao Senhor reunir uma igreja através de nosso instrumentalidade, em Betesda, que chegou a 60 membros, sendo que a igreja em Gideão recebeu mais 49 membros, perfazendo assim um total de 109 almas acrescentadas à Igreja de Cristo; 2)Pela nossa instrumentalidade, pelo que ouvimos e podemos julgar foram convertidos 65 indivíduos; 3)Muitos que se encontravam afastados voltaram novamente e os filhos de Deus se acham mais animados e fortalecidos no caminho da verdade. Que provas claras de que não nos enganamos em relação a nossa vinda a Bristol.

Em 1834, Müller sentiu o desejo de fundar uma Instituição denominada Instituição do Conhecimento Bíblico, cujo objetivo era o seguinte: a) receber e distribuir dinheiro para auxílio a professores de Escolas Dominicais e de Escolas dirigidas por professores crentes; b) vender porções bíblicas a preços reduzidos; c)

encaminhar donativos a missionários no estrangeiro. Não seria pedido nada a ninguém. Posteriormente, este Fundo sustentava escolas, em distritos rurais na Inglaterra e também na Espanha e na Itália durante muitos anos. O envio de donativos a missionários e a venda de literatura cristã continuam até hoje (1964).

4 de julho - Hoje recebi a visita de uma irmã e me senti irritado quando ela prolongou a sua estada, mesmo depois de mostrar-lhe que tinha apenas alguns minutos disponíveis para ela. Pequei assim contra o Senhor. Bendito Jesus, ajuda-me!

25 de julho - Durante estes três últimos dias, tenho tido bem pouca comunhão com Deus e, portanto, me acho muito fraco espiritualmente, sendo que várias vezes tenho mostrado irritação. Que Deus em Sua misericórdia me ajude a ter mais tempo em oração particular.

10 de dezembro - Hoje descobrimos que um finado irmão deixou 12 libras para o irmão Craik e outras tantas para mim.

21 de dezembro - Desde que o irmão Craik e eu estamos trabalhando em Bristol, 227 membros se acrescentaram a nós em comunhão com o Senhor. Destes, 125 em Betesda e 132 em Gideão.

Este ano o Senhor me deu em dinheiro 288 libras, 8 pence e um quarto.

A Sra. Müller tinha um irmão Anthony Norris Groves que, em 1829, abandonou uma rendosa prática odontológica em Exeter para ir a Bagdá como missionário, sem ligação com qualquer sociedade e sem garantia de ordenado. Ele e sua família passaram, por tremendas dificuldades devido à guerra, à pestilência e às enchentes. Mais tarde, foi à Índia, também como missionário. Sua autobiografia é uma história de devoção e serviço cristão quase tão notável quanto a do próprio Müller. Em 1835, Groves visitou Bristol e

George Müller foi com ele à Alemanha, na esperança de encontrar alguns obreiros espirituais que quisessem voltar com Groves à Índia. Na verdade, o próprio Müller pensou em acompanhá-lo para o seu campo missionário. Outro motivo desta viagem foi o desejo de George Müller de testemunhar a seu pai e ao seu irmão do gozo e das bênçãos do Caminho que havia encontrado.

5 de abril - Heimersleben. Esta tarde recebemos a visita de um amigo de meu pai que não conhece ao Senhor. Depois de alguns minutos, o Senhor deu-me a oportunidade de colocar perante ele as verdades fundamentais do Evangelho e o gozo e conforto que trazem e que principalmente trouxeram a mim. Assim, achei a forma de expor a verdade mais completamente do que pudera fazer até então ao meu pai e ao meu irmão em dizer-lhes: “Tu és o homem”. Senti que o Senhor me auxiliou e meu desejo é que Ele dê crescimento à semente semeada.

6 de abril - Nesta visita não falei a meu pai, diretamente, sobre o estado de sua alma, embora ele tenha ouvido a verdade várias vezes enquanto falava a outros. Tenho sentido a presença de Deus comigo e creio que tenho sido levado por Ele mesmo a agir desta forma. Entretanto, bem diferente tem sido a minha atitude para com meu irmão, pois o nosso relacionamento é completamente diferente. Hoje mesmo conversamos longamente e mostrei-lhe seus pecados, o que também tenho feito em minhas cartas e quero continuar fazendo, se o Senhor o permitir.

Passei esta noite contando a meu pai e ao meu irmão como Deus tem agido comigo na Inglaterra, em especial como tem fornecido o meu sustento material em resposta à oração, e ambos parecem ver, pelo menos por enquanto, que tal vida é abençoada.

7 de abril - Passei parte desta manhã passeando com meu pai em um dos jardins e em alguns dos seus campos, porque sei que isto lhe dá prazer e sinto que devo mostrar-lhe

bondade e atenção até onde permitir a minha consciência. Amanhã, se Deus quiser, pretendo partir de volta à Inglaterra. O Senhor, em Sua grande misericórdia, em resposta à minha oração, permitiu que eu agisse de tal maneira perante o meu pai, mostrando-se impressionado com as minhas palavras a ponto de dizer-me hoje: “Que Deus me ajude a seguir o seu exemplo e a agir de acordo com o que você me tem dito”.

Logo depois de seu regresso, seu sogro faleceu e, em seguida o seu filhinho de pouco mais de um ano adoeceu.

25 de junho - Meu querido filho está tão doente que não temos esperança de sua recuperação. Tem uma inflamação nos pulmões. Esta noite falei em Gideão sobre o Salmo 145.1-4 e me senti amparado por Deus, considerando que nem a morte de meu sogro e nem a doença do meu filho devem impedir-me de executar o trabalho do Senhor. Que a Sua santa vontade em relação ao nosso queridinho!

26 de junho - A minha oração durante a noite que passou foi que Deus confortasse a minha querida esposa nestes dias difíceis, principalmente se Ele achar necessário levar o pequenino; pedi também que não deixasse o nosso filho em agonia de sofrimento. Não orei pela recuperação da criança. Duas horas depois, o pequenino foi levado à presença do Senhor.

27 de junho - Minha querida esposa se acha notavelmente confortada. O Senhor permita que estas aflições não sejam em vão!

28 de junho - Senti-me grandemente amparado ao pregar hoje duas vezes.

29 de junho - O enterro foi hoje. Os restos mortais de nosso pai e filhinho foram colocados no mesmo túmulo.

3 de julho - Nossos impostos já estão vencidos e poderemos ser cobrados a qualquer dia, sendo que não temos o dinheiro para pagá-los, pois, devido a nossas recentes aflições, foi-nos necessário gastar aquilo que havíamos

separado para este fim. Que o Senhor na Sua misericórdia forneça o necessário!

6 de julho - Hoje, ajuntando as ofertas das caixas ao que já tinha, pude pagar os impostos, antes de sermos cobrados. Como o Senhor foi bondoso em atender minha oração tão depressa!

8 de julho - Esta noite recebi 5 libras que vieram de Westonsuper-Mare. Novamente o Senhor aparece. Que eu possa louvar o Seu santo Nome por este auxílio tão oportuno que chegou quando já estava quase sem nada!

14 de julho - Hoje, um irmão me deu um terno novo. A minha roupa já estava velha e gasta. O recente funeral talvez fosse boa razão para a compra de um terno novo, mas não o fiz porque não tenho o dinheiro necessário e considerado errado contrair dívidas.

15 de agosto - Hoje o querido irmão Craik voltou de Devonshire. Voltou bem melhor em sua saúde geral, mas não no que se refere à voz.

24 de agosto - Me sinto muito fraco e sofro cada vez mais. Estou em dúvida se devo deixar Bristol por algum tempo. Não tenho o dinheiro necessário para uma mudança climática. Recebi um convite para passar uma semana no campo e penso aceitar o convite a partir de amanhã.

26 de agosto - Hoje recebi 5 libras dadas expressamente para serem usadas nas férias.

29 de agosto - Recebi hoje mais 5 libras para a mesma finalidade.

14 de setembro - Ainda estamos em Portishead. Estou um pouco melhor. Sinto-me mui desanimado hoje, devido à corrupção interna e à carnalidade de meu coração. Quando é que Deus me livrará deste estado? Como gostaria de ser semelhante a Ele. Não sinto prazer nesta maneira de viver, gastando tanto tempo no cuidado do corpo, comendo e bebendo, fazendo exercícios e andando a cavalo, coisas das quais me desacostumei nestes últimos seis anos. Estou aflito para voltar ao meu trabalho em Bristol, se o Senhor Se condescender em usar este Seu servo tão indigno.

15 de setembro - Ao saber hoje que a pessoa de quem alugo o cavalo não tem licença para fazê-lo e crendo que, como crente, devo agir de conformidade com as leis do país, senti-me na obrigação de não usá-lo mais. Os médicos disseram que o exercício a cavalo é importantíssimo na minha recuperação e como este é o único cavalo neste lugar, chegamos à conclusão que amanhã devemos partir. Logo depois de tomar esta decisão recebi uma carta amável de alguns irmãos no Senhor que moram na ilha de Wight, convidando-me a passar algum tempo com eles, o que foi hoje assunto de consideração e de oração.

.oOo.

COMEÇANDO O TRABALHO DO ORFANATO (1835-1845)

20 de novembro - Esta tarde, em uma casa onde fora convidado para tomar chá, encontrei um volume da vida de Francke. Ele fundou o Lar para Órfãos em Halle e, há muito tempo, tenho sentido o desejo de trabalhar de maneira semelhante, embora em escala muito menor; não imitando Francke, mas em completa dependência de Deus. Que Ele me esclareça neste sentido!

21 de novembro - Senti, hoje, no coração a necessidade de não mais pensar no estabelecimento de uma Casa para Órfãos, mas de começar a agir. Tenho passado muito tempo em oração a respeito disto a fim de estar seguro da mente do Senhor.

Seria impossível exagerar a necessidade de tal instituição. É difícil nos dias de hoje compreender quais eram as condições da vida infantil nas favelas nos tempos em que a Rainha Vitória subiu ao trono. É preciso lembrar que não havia educação gratuita, ajuda familiar, casas decentes, regulamentação de trabalho e nem Orfanatos como o do Dr. Bernardo. Em discurso

feito no Parlamento, no dia 4 de agosto de 1840, Lord Shaftesbury trouxe à lembrança da Casa que crianças de sete anos trabalhavam 12 horas por dia nas fábricas de fumo e não recebiam qualquer instrução.

Nas cerâmicas começavam a trabalhar aos 5 anos, das 6 da manhã até as 8 horas da noite, durante 6 dias por semana. Nas minas de carvão as condições de serviço ainda eram piores: crianças de 6 ou 7 anos para cima se arrastavam, quase nuas, em túneis estreitos, carregando pesadas cargas de carvão e apanhavam se afrouxassem no ritmo de trabalho.

Os órfãos que fugiam das fábricas corriam pelas ruas, descalços e cobertos de trapos, vivendo como podiam, geralmente roubando e dormindo ao relento, qualquer que fosse a época do ano.

Algumas crianças iam para a instituição dos pobres a qual não fornecia condições mínimas de subsistência decente, sendo um ambiente carregado de vício e crime. Nestas condições, parentes bondosos, temendo a instituição dos pobres para os órfãos, sofriam fome, eles e as crianças, tentando fazer com que seu miserável ordenado alimentasse muitas bocas.

Talvez seja bom explicar mais detalhadamente quais as razões que me levam a pensar no estabelecimento de uma Casa para Órfãos. Constantemente vejo casos que me provam ser uma necessidade especial dos filhos de Deus nos nossos dias o fortalecimento de sua fé. Desejo ardentemente ter algo que possa apontar como prova visível e irrefutável que o nosso Deus e Pai é o mesmo Deus fiel que sempre foi e que está disposto a ser Ele, em nossos dias, o mesmo Deus vivo que quer honrar como sempre honrou a fé de todos os que colocam a sua fé nEle.

Veza após veza, encontro filhos de Deus preocupados com o pensamento a respeito do que será deles na velhice, quando não mais puderem trabalhar, antevendo, com horror, os seus últimos dias na instituição dos pobres. Aos tais eu digo que o nosso Pai celestial sempre ajuda àqueles que colocam a sua fé nEle. Embora nem sempre aleguem que os tempos mudaram, ainda assim eu percebo que Deus não é para eles O DEUS VIVO. Muito me entristece esta situação e o meu grande desejo é colocar perante os filhos de Deus algo que possam crer; como prova de que Ele não abandona, mesmo nos nossos dias, àqueles que nEle confiam. Queria, também, ser usado para o fortalecimento de sua fé, dando-lhes algo, além de exemplos bíblicos, que mostre a boa vontade e a capacidade de Deus para ajudar aqueles que nEle depositam sua fé, mostrando-lhes com PROVAS que Ele é o mesmo nos nossos dias.

Lembrei-me da grande bênção que recebera através do conhecimento da vida de A.H.Francke que, dependendo exclusivamente do Deus vivo, estabelecera um enorme Orfanato, o qual vira muitas vezes com os meus próprios olhos. Portanto, considero-me obrigado a ser servo da Igreja de Deus, principalmente na questão em que eu mesmo recebera a graça de Deus, isto é, chegar a crer inteiramente na Palavra de Deus e confiar nela.

Seria necessário ter algo visível aos olhos naturais. Portanto, se eu, um homem pobre, unicamente através da oração e da fé, tivesse, sem pedir a um único indivíduo, o necessário para o estabelecimento e manutenção de um Orfanato, ali estaria algo que, com a bênção do Senhor, poderia ser usado para o fortalecimento da fé dos filhos de Deus, além de ser um testemunho às consciências dos descrentes quanto à realidade das coisas de Deus.

Esta é, portanto, a principal razão para a fundação de um tal estabelecimento. Certamente, eu quero também, e o desejo sinceramente, ser usado por Deus para o benefício das pobres crianças que não têm pais e procurar em todos os aspectos, a ajuda de Deus, fazer com que possam mais tarde

enfrentar a vida com o preparo suficiente, assim como desejo educar as crianças no caminho do Senhor. Entretanto, o primeiro e principal objetivo deste trabalho (e ainda é) que Deus seja honrado pelo fato de que, os órfãos sob os meus cuidados, recebam tudo de que necessitem apenas através da oração e da fé, sem ter feito nenhum pedido de ajuda por mim, nem por meus cooperadores, a fim de que se conheça que DEUS AINDA É FIEL E AINDA OUVI A ORAÇÃO. tenho-os passado em oração quando ao Orfanato, pedindo ao Senhor que tire da minha mente todo o pensamento a respeito se não for da Sua vontade. Examinei cuidadosamente os motivos que me levam a isto, mas sinto-me convencido de que é de Deus.

28 de novembro - Todos os dias desta semana tenho-os passado em oração quanto ao Orfanato, pedindo ao Senhor que tire da minha mente todo o pensamento a respeito, se não for da Sua vontade. Examinei cuidadosamente os motivos que me levam a isto, mas sinto-me convencido de que é de Deus.

2 de dezembro - Hoje dei o primeiro passo, mandando imprimir uns folhetos, anunciando uma reunião no dia 9 de dezembro, onde desejo expor aos irmãos o meu pensamento em relação ao Orfanato, buscando, através disto, conhecer mais plenamente a vontade do Senhor em relação a este assunto.

5 de dezembro - Hoje, enquanto lia as Escrituras, chamou-me em especial atenção este versículo: “Abre bem a boca e ta enchei” (Salmo 81.10). Até esta data, não havia orado a respeito dos meios ou indivíduos necessários para o bom andamento do Orfanato. Senti-me levado a aplicar esta Escritura ao Orfanato, pondo-me de joelhos e pedindo ao Senhor uma casa adequada, mil libras e o pessoal necessário para cuidar das crianças.

9 de dezembro - Esta tarde recebemos a primeira peça do mobiliário: um grande guarda-roupa. À tarde e à noite senti-me desanimado quanto ao Orfanato, mas logo que comecei a falar na reunião recebi especial ajuda de Deus e

senti grande gozo e paz, além da certeza que o trabalho é de Deus. Depois da reunião recebi dez xelins. Não fizemos coleta de propósito e ninguém mais falou, pois não queria nada feito de sentimentalismo, pelo contrário, eu buscava certeza absoluta quanto à vontade de Deus. Depois da reunião, uma irmã ofereceu-se para o trabalho. Voltei para casa, feliz no Senhor, cheio de confiança de que os planos brevemente seriam uma realidade, embora tivesse recebido apenas dez xelins.

Não espero em Bristol e nem na Inglaterra, mas apenas no Deus vivo, de Quem eu e o irmão C., que o Senhor despertou para ajudar-me na obra, esperamos o necessário. Enquanto este necessário não chegar, nada poderemos fazer quanto a alugar uma casa, o mobiliário, etc.. Mas, tão logo tenhamos o necessário e as pessoas capacitadas para a obra, não achamos necessário esperar que haja um certo número de mantenedores anuais ou de qualquer outra espécie.

Confiamos no Senhor para nos ajudar. Assim como nos ensinou a pedir o pão de cada dia, assim pediremos de Sua mão o suprimento das necessidades diárias daquelas crianças que Lhe aprouver colocar sob os nossos cuidados.

Quanto aos obreiros para a obra, assunto não menos importante que o dos fundos, gostaria de dizer que também esperamos em Deus mesmo, a fim de que todos os que conosco trabalharem, sejam conhecidos como crentes verdadeiros e, além disso, até onde pudermos julgar, hábeis para a tarefa.

10 de dezembro- Recebi uma carta esta manhã na qual um casal crente escrevia: “Oferecemo-nos para o trabalho do Orfanato se nos considerarem aptos e também podemos ceder toda a mobília que o Senhor nos tem dado. Não queremos receber qualquer salário crendo que, se for da vontade de Deus, nos use no Seu serviço. Ele suprirá todas as nossas necessidades”. À noite, um irmão trouxe, provenientes de vários indivíduos, 3 travessas, 28 pratos, 3 bacias, uma leiteira, 4 copos, 3 saleiros, um ralador, 4 facas e 5 garfos.

18 de dezembro - Esta tarde, um irmão trouxe um acolchoado, um ferro de passar roupa, 8 xícaras e pires, um açucareiro, uma leiteira, uma xícara para chá, 16 dedais, 5 facas e garfos, 6 colheres de sobremesa, 12 colheres de chá, 4 pentes e 2 pequenos raladores. Outra pessoa trouxe um ferro de passar roupa e uma xícara e pires. Trouxe também 100 libras de uma irmã. Posteriormente, agradeceu ao Senhor levar para Si a doadora destas 100 libras e, portanto, passo a contar com mais detalhes fatos que se referem à doação e à doadora, mas que, se ela vivesse, não consideraria nada aconselhável fazê-lo. A. L., a doadora, era minha conhecida desde a nossa vinda a Bristol em 1832. Ganhava o seu sustento com costura, recebendo de 2 a 5 xelins por semana, sendo a média, eu imagino, 3 xelins e 6 pence, pois ela não tinha muita saúde. Esta irmã, na sua humildade, contentava-se com o que ganhava e não me lembro de ter ouvido uma vez sequer qualquer reclamação devida ao seu pouco ganho.

Algum tempo antes de eu pensar em estabelecer um Orfanato, seu pai morrera, deixando-lhe 480 libras, quantia esta deixada por sua avó, da qual seu pai tivera uso-fruto. Um irmão e duas irmãs também receberam a mesma quantia. O pai, que havia-se entregue à bebida, morreu endividado. Os filhos queriam pagar parcialmente as dívidas do pai, mas A. L. achava que era obrigação sua pagarem o total das dívidas. Ofereceram aos credores 5 xelins por libra de dívida. Eles aceitaram de bom grado, pois nada podiam exigir dos filhos. Depois de serem saldadas as dívidas segundo este acordo, A. L. pensou consigo mesma: “Mesmo que meu pai estivesse errado, ainda era meu pai e já que eu tenho o necessário para salvar integralmente as suas dívidas devo fazê-lo como filha de Deus que sou, mesmo sem o auxílio de meus irmãos”.

Procurou os credores e pagou o total das dívidas, o que lhe levou mais 40 libras, além da parte que anteriormente dera. Seus irmãos deram 50 libras cada um a sua mãe, mas A. L. pensou: “Sou filha de Deus. Certamente devo dar a minha mãe o dobro do que deram os meus irmãos”. Portanto, deu 100 libras a sua mãe. Logo depois disto, mandou 100

libras para o Orfanato. Fiquei bastante surpreso ao receber este dinheiro, pois sempre a conhecera como pobre e não ouvira de nenhuma mudança nas suas circunstâncias e seu vestuário em nada demonstrava melhoria de situação.

Entretanto, antes de aceitar o dinheiro, tive uma demorada conversa com ela, na qual procurei saber quais os motivos da sua doação e também averiguar se não a dera num momento de sentimentalismo, sem contar o custo. Sentia-me impelido a fazê-lo, pois se este dinheiro fosse dado por outros motivos além dos bíblicos, havendo arrependimento futuro da parte da doadora, o Nome do Senhor seria desonrado.

Mas em poucos minutos de conversa com esta querida irmã descobri que era seguidora fiel do Senhor Jesus em toda a sua calma e pouca conversa que desejava, apesar do que lhe poderia sugerir a razão, agir de acordo com as palavras do Senhor: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra” (Mateus 6.19) e “Vendei os vossos bens e dai esmola” (Lufas 12.13). Quando lhe perguntei se não estava dando muito, ela me disse: “O Senhor Jesus deu a Sua última gota de sangue por mim e será que eu não Lhe daria estas 100 libras?” E acrescentou: “Prefiro dar tudo o que tenho a saber que o Orfanato não será estabelecido”.

Quando percebi que ela havia, de fato, considerado o assunto à luz da Palavra de Deus só pude aceitar o dinheiro, admirado-me de como o Senhor usou esta irmã pobre e doente como um instrumento tão importante para ajudar logo no início esta obra que eu encetara apenas na dependência do Deus vivo.

George Müller relata, comovido, o auxílio prestado por esta irmã a muitos pobres e ao trabalho de Deus. Ela dava em segredo, continuou o seu trabalho e permaneceu tão humilde como antes de receber o dinheiro da herança.

Seu corpo tornou-se cada vez mais fraco e, em consequência disto, ela pôde trabalhar muito pouco durante alguns meses antes de morrer, mas o Senhor supriu todas as

suas necessidades, embora ela nada pedisse a ninguém. Certa irmã de nossa congregação mandou-lhe durante muitos meses o pão de que necessitava. Dos seus lábios só saíam palavras de ação de graças, mesmo no meio de grande sofrimento físico. Dormiu no Senhor em janeiro de 1844. Relato estes fatos porque nos levam a louvar ao Senhor e podem ser usados para levar outros filhos de Deus a seguirem o exemplo desta querida irmã naquilo em que seguia a Jesus, mas principalmente conto isto para mostrar de que maneira notável o Senhor provou desde o início que o Orfanato era Seu e não meu.

23 de dezembro - Recebemos hoje de um irmão o necessário para algumas cortinas. Outro irmão trouxe de um indivíduo que preferia permanecer no anonimato mais 4 libras, das quais 2 para o Orfanato e 2 para os pobres.

31 de dezembro - Quanto ao suprimento das minhas necessidades materiais, durante este ano devo declarar que o Senhor me deu em Seu amor e fidelidade 285 libras, um xelim, um pence e um quarto.

18 de maio - Tanto quanto me lembro, tenho levado até os menores assuntos referentes ao Orfanato perante o Senhor. Tenho-o feito cômico de minha própria fraqueza e ignorância. Havia, entretanto, um assunto sobre o qual nunca orara, isto é, que o Senhor enviasse as crianças, pois naturalmente cheguei à conclusão que haveria um grande número de interessados.

Entretanto, quanto mais perto chegava o dia marcado para o início das inscrições, tanto mais sentia no íntimo do meu ser que talvez o Senhor desapontasse minhas expectativas naturais, mostrando-me que nada, nem uma coisa poderia fazer sucesso sem Ele. Chegou o dia e nem um pedido recebemos. Algum tempo antes, eu havia pensado que talvez me tivesse dedicado a este trabalho contra a vontade de Deus.

Este acontecimento fez com que me lançasse aos pés de Deus em oração por longo tempo, examinando meu coração mais uma vez, em relação aos motivos dos meus planos.

Podia dizer, como anteriormente, que Sua glória era meu alvo principal, mostrando ao mundo que não é vão confiar no Deus vivo; que, em segundo lugar, punha o bem estar das crianças órfãs e, em terceiro lugar, o seu bem estar material. Continuando em oração, fui levado a poder dizer de coração que poderia me agradar em que Deus fosse glorificado até mesmo se fossem abandonados meus planos.

Mas, como me parecia, afinal, ser motivo de glória a Deus o estabelecimento e manutenção do Orfanato, pude então pedir-Lhe que enviasse as crianças. Passei a gozar uma grande paz de espírito em relação a isto, tendo a certeza que Deus prosperaria o nosso trabalho. O dia seguinte, 4 de fevereiro, recebemos o primeiro pedido e, desde então, mais 42.

Aluguei por um ano a casa número 6 da Rua Wilson, devido ao seu tamanho e preço acessível. Nesta casa eu morei até o dia 25 de março. Depois de prepará-la para 30 crianças, começamos a recebê-las no dia 11 de abril de 1836 e no dia 21 de abril a Instituição foi inaugurada através de um dia separado para oração e ações de graça. Temos agora 26 crianças e esperamos mais algumas dentro de poucos dias.

28 de julho - Por algum tempo, não temos podido pagar o salário adiantado de um mês aos professores e governantas, mas temo-lo feito semanalmente. O irmão C. e eu temos orado ultimamente em conjunto, em relação aos fundos. Agora estamos tão sem recursos que nem semanalmente poderíamos ter pago os salários, se o Senhor hoje não nos tivesse ajudado de maneira notável, pois, além de uma libra que recebemos esta noite, um irmão trouxe-nos a quantia de 8 libras, dinheiro este proveniente de um acordo voluntário entre alguns de seus empregados que davam semanalmente um pêni para ajudar a nossa Casa.

O dinheiro foi guardado por muitos meses e este irmão sentira o desejo de trazê-lo nesta oportunidade, justamente quando nos víamos em grande necessidade. A minha fé se acha grandemente fortalecida através desta circunstância pois, embora até hoje não chegasse a duvidar da fidelidade de

Deus, não compreendia Seu propósito na maneira de nos tratar ultimamente, mandando apenas o necessário para não pararmos.

Algumas vezes cheguei a pensar se não seria Sua vontade, devido à minha falta de fé, diminuir o nosso campo de trabalho, mas agora vejo que, apesar da minha indignidade, Ele permitiu-nos que orássemos tanto apenas para que percebêssemos melhor a Sua mão ao ajudar-nos.

1 de outubro - Sábado passado, prela primeira vez, estávamos em situação tão difícil ao ponto de precisarmos de uma libra a mais do que tínhamos para o pagamento dos salários, mas uma irmã, devido à morte de seu pai, como viemos a saber mais tarde, não pôde vir buscar o seu salário e, ao vir, no dia seguinte, já tínhamos recebido mais do que o suficiente para o pagamento.

Devido à maneira como temos visto serem supridas nossas necessidades, não hesitamos em ampliar o nosso campo de ação, pois havia grande necessidade de outra Escola para Meninos, havendo uma lista de espera durante muitos meses.

ABERTURA DO SEGUNDO ORFANATO NA RUA WILSON

19 de outubro - Hoje, depois de muita oração, afinal contratei um irmão como responsável pelo Orfanato dos Bebês. Embora tendo em mãos muitos meses o dinheiro suficiente para a abertura de uma casa para bebês e, tendo também muitos candidatos inscritos, não encontrara até agora a pessoa que me parecia certa para este serviço.

25 de outubro - Hoje conseguimos, sem trabalho algum, através da bondade de Deus, acomodações ideais para o Orfanato dos Bebês. Se houvéssemos gasto milhões na construção de uma casa para esta finalidade não poderia ser melhor do que esta que achamos. Como é evidente e clara a atuação de Deus nestes assuntos. Como é importante deixar nossos problemas, grandes e pequenos, com Ele, porque Ele faz tudo bem. Se o nosso trabalho é o Seu trabalho, prosperamos nele.

30 de novembro - Devido a muito trabalho, por algum tempo não estive em oração, pedindo ao Senhor o dinheiro necessário. Mas, estando em grande necessidade, ontem de manhã fui levado à presença do Senhor para orar insistentemente e, em resposta, certo irmão deu-me, à noite, 10 libras. Ele me disse que fazia meses tinha o desejo de dar-nos esta quantia, sendo, entretanto, impedido de fazê-lo por não ter o suficiente.

Agora, precisamente quando estamos em grande necessidade, o Senhor ajudou-o e ele pôde, por sua vez, ajudar-nos desta maneira. Além destas 10 libras, recebi uma carta de uma irmã a quem nunca tive a oportunidade de ver, mas que tem sido usada por Deus várias vezes como Seu instrumento para o suprimento de nossas necessidades. Ela escreve assim: “Não consigo livrar-me do pensamento de que devo enviar-lhes algum dinheiro e sinto que deve haver alguma necessidade, através da qual o Senhor quer-me dar a honra, fazendo-me instrumento de Seu suprimento. Portanto, envio-lhe 5 libras que é tudo o que tenho em casa no momento, mas se houver necessidade, e o senhor puder escrever-me, posso mandar-lhe mais 5 libras”. Além destes donativos, recebi 3 libras e 3 xelins.

FEITA A DECISÃO PARA A ABERTURA DE UM TERCEIRO ORFANATO

Creemos que um Orfanato para Meninos de mais de 7 anos é uma das grandes necessidade desta cidade. Além do mais, sem ele, não saberíamos atender as necessidades dos bebês do sexo masculino criados no Orfanato dos Bebês quando eles atingissem a idade de 7 anos. O Senhor Se tem condescendido em ouvir as minhas orações e me tem dado de exercitar a minha fé baseada nas Suas promessas quanto às minhas necessidades materiais e às de outros. Por isso, proponho estabelecer um Orfanato para cerca de 40 meninos com mais de sete anos.

Há, entretanto, três obstáculos no caminho que devem ser removidos antes que eu possa dar mais um passo neste sentido: 1)Eu me acho sobrecarregado, sendo absolutamente

impossível aumentar o meu campo de trabalho. Haveria necessidade de um irmão que pudesse fazer o trabalho de contabilidade, da obtenção e distribuição de Bíblias, de aconselhar nos assuntos normais de andamento dos Orfanatos, que pudesse receber os candidatos para os Orfanatos, etc. Mesmo que não seja aberto outro Orfanato para Meninos, a necessidade de um tal ajudante é muito grande, devido ao trabalho que já temos, portanto, peço aos crentes que porventura leiam este comunicado que me ajudem com suas orações para que nos seja enviada esta pessoa; 2) Além disto, seria também necessário conseguir um mestre realmente piedoso para os meninos, além de outros indivíduos capazes, necessários para o cuidado das crianças; 3) A terceira coisa que eu desejo para confirmar que realmente seja a vontade de Deus que eu prossiga, abrindo este Orfanato, é que Ele forneça os meios para tal obra.

Enquanto que, por um lado, confesso para a glória de Deus que Ele me tem dado a fé para confiar nEle, por outro, não quero cair no erro da presunção ou entusiasmo passageiro. Não pretendo esperar ter milhões em mãos, mas preciso da quantia necessária para mobiliar uma casa para quarenta meninos, para vestir igual número de crianças e ter algum dinheiro para o início, sem o qual não considero ser da vontade de Deus que amplie o nosso campo de trabalho.

1837

21 de outubro - Há algumas semanas, havia alugado uma casa bastante espaçosa e não muito dispendiosa para o Orfanato dos Meninos, mas como a vizinhança ameaçava levar o proprietário perante a Justiça por ter alugado a casa a uma instituição de caridade, imediatamente desisti do contrato. O que me levou a isto é a Palavra do Senhor: “Quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens”. Tinha certeza absoluta, quando desisti do acordo, que o Senhor forneceria outras acomodações. Na mesma manhã em que isto ocorreu, 5 de outubro, o Senhor, para mostrar a Sua aprovação à obra, mandou 50 libras através de uma irmã que está longe de ser rica para mobiliarmos o Orfanato dos

Meninos. Hoje, o Senhor nos dá outra casa para os meninos na mesma rua em que as outras duas estão. Assim, no Seu devido tempo, Ele nos ajuda também neste particular. Na verdade, tudo que tenho feito, dependendo apenas da Sua ajuda, o tenho feito sem sentir desapontamento.

17 de dezembro - Domingo. Esta manhã vi as 32 meninas órfãs, com mais de sete anos, passarem por baixo da minha janela para irem à Casa de Oração. Quando vi estas queridas crianças, com seus belos vestidos, limpos e bem cuidados, com as suas capas bem quentinhas, andando ordenadamente na companhia de uma irmã, a caminho do templo, senti no coração um enorme sentimento de gratidão a Deus por ter feito de mim o instrumento para o cuidado destas crianças, pois se acham em muito melhor estado, quer no atendimento de suas necessidades materiais, quer espirituais, do que estariam se continuassem como estavam antes de vir a nós.

Ver tal cena foi recompensa suficiente pelo trabalho, não apenas pelo trabalho de alguns dias, mas pelo trabalho de muitos meses e anos. Senti que era resposta suficiente ao argumento de muitos de meus amigos que constantemente dizem: “Você faz demais”.

24 de dezembro - Este já o sétimo domingo que me acho recolhido, devido à má saúde. Hoje resolvi, com a ajuda de Deus, não mais mandar cartas em pacotes porque vejo claramente que isto é contra as leis do país e cabe a mim, como discípulo de Jesus, submeter-me ao governo em todos os aspectos, enquanto não leve a fazer alguma coisa que seja contrária à Palavra de Deus.

31 de dezembro - Temos agora 81 crianças nos três Orfanatos, sob os cuidados de 9 irmãos e irmãs. Portanto são noventa pessoas que diariamente se assentam à mesa. As escolas requerem o mesmo tempo que anteriormente, ou melhor, ainda mais, principalmente a Escola Dominical que tem atualmente 320 crianças. As Escolas Diárias têm cerca de 350. Senhor, o Teu servo é um homem pobre, mas tem confiado em Ti e tem-se orgulhado de Ti perante os homens.

Não permitas, pois, que seja confundido! Não permitas que se diga que isto tudo é entusiasmo passageiro e que vai dar em nada

Esta manhã, desonrei grandemente ao Senhor, mostrando-me irritado com a minha querida esposa. Aconteceu minutos depois de levantar-me de joelhos e apesar de ter estado agradecendo-Lhe por ter-me dado tal mulher.

Este ano recebi para o suprimento das minhas necessidades materiais a quantia de 307 libras, 2 xelins e 6 pences e meio.

1838

12 de julho - Desde o começo da obra dos Orfanatos até o fim de junho de 1838, a mão do Senhor foi vista através da abundância com que foi suprido o necessário para a manutenção de quase 100 pessoas. Agora, entretanto, é chegado o tempo quando o Pai dos órfãos deverá mostrar Seu cuidado especial sobre eles de outra forma. Ao passo que há doze meses nosso saldo era de 780 libras, temos hoje apenas 20 libras, mas, graças a Deus, minha fé está tão forte hoje, ou talvez mais forte, do que quando tínhamos uma quantia maior em mãos, pois desde o começo do trabalho nunca deixei de confiar nEle. Como a verdadeira fé se manifesta através de uma entrega à oração, entreguei-me em companhia do irmão T. do Orfanato para Meninos à oração a este respeito. É o único indivíduo que, além de minha esposa e do irmão Craik a quem comento qualquer coisa sobre o saldo financeiro. Enquanto orávamos, chegou uma criança órfã de Froma, trazendo como oferta dos irmãos de lá a quantia de 5 libras. Assim recebemos a primeira resposta nesta nova ocasião de grande necessidade. Já aceitamos sete crianças e estamos dispostos a aceitar mais cinco para os próximos dias, embora o nosso saldo esteja tão baixo. Esperamos em Deus que veja nossa necessidade. Observem a maneira carinhosa como o Senhor nos trata, pois nos aproximamos dEle pedindo auxílio, e Ele ajuda imediatamente, em pronta resposta à oração, a fim de

aumentar a nossa confiança em Si, mas, ao mesmo tempo, preparar-nos para maiores testes de fé.

22 de julho - Esta tarde estava andando em nosso pequeno jardim, meditando em Hebreus 13.8, que diz: “Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo e o será para sempre”. Enquanto meditava no Seu amor, poder e sabedoria imutáveis, pensei que, se Jesus em Seu amor e poder tem suprido até agora tudo o que necessito para os órfãos, no Seu amor e poder imutáveis suprirá tudo de que necessito para o futuro.

Uma onda de gozo se apossou de minha alma enquanto assim reconhecia a imutabilidade de nosso adorável Senhor. Cerca de um minuto depois, recebi uma carta que continha a quantia de 20 libras. O remetente escrevia: “A quantia é para ser aplicada na continuidade dos objetivos de sua Sociedade para o Conhecimento das Escrituras ou de seus Orfanatos ou em qualquer necessidade no trabalho do Mestre, da maneira que Ele revelar. Não é uma grande soma, mas é o suficiente para as exigências de hoje e geralmente é para as necessidades de hoje que o Senhor provê. O amanhã trará, junto com suas necessidades, o suprimento delas...”

18 de agosto - Não tenho em mãos nem um tostão para os órfãos. Dentro de um ou dois dias teremos necessidade de muitas libras. Minha esperança está no Senhor. À tarde recebi 5 libras de uma irmã. Há algum tempo que ela havia separado algumas joias para serem vendidas em benefício dos órfãos, mas esta manhã, estando em oração, pensou: Tenho 5 libras e nada devo. Seria, portanto, melhor dar este dinheiro imediatamente porque talvez a venda das joias demore um pouco”.

Ela trouxe esta quantia, sem saber que não tínhamos um tostão em mãos e que eu conseguira adiantar apenas 4 libras, 15 xelins e 5 pences para as despesas do Orfanato dos Meninos, em vez das costumeiras 10. Ela também não sabia que, dentro de poucos dias, teremos necessidade de muito mais. Que a minha alma se anime com mais esta prova da fidelidade do Senhor!

20 de agosto - As 5 libras que recebemos no dia 18 foram usadas para a compra de mantimentos, de modo que hoje novamente nos vimos sem um tostão. Olho, entretanto, para o Senhor e esta manhã entreguei-me à oração, sabendo que até o fim da semana teremos necessidade de pelo menos 13 libras, ou talvez de 20 ou mais. Hoje recebo 12 libras em resposta à oração. Foram dadas por uma senhora que está passando uma temporada em Clifton e a quem nunca tinha visto. Adorável Senhor, permite que isto sirva de mais ânimo para mim!

29 de agosto - Hoje dezesseis crentes foram batizados. De todos os batismos que tivermos, talvez este seja o mais notável. Entre os irmãos está um de 84 anos e outro de mais de 70. Por este último, a sua esposa estava orando durante 38 anos. Afinal, o Senhor atendeu sua oração, permitindo a sua conversão.

31 de agosto - Tenho estado na dependência do Senhor, pois hoje os livros foram trazidos do Orfanato das Meninas pela governanta e não temos dinheiro suficiente para ela fazer as compras necessárias. Até agora o Senhor não se agradou em mandar socorro. Como a governanta veio buscar o dinheiro hoje, um dos obreiros deu 2 libras do seu ordenado para tender as necessidades prementes.

6 de setembro - Esta manhã recebemos os livros do Orfanato dos Bebês e a governanta mandou perguntar quando poderia retirá-los. Após a revisão, eles costumam ser devolvidos junto com o dinheiro para a manutenção da Casa. Eu lhe disse que voltasse amanhã, embora não tenha um tostão em mãos. Cerca de uma hora mais tarde, o irmão T. mandou-me um bilhete, dizendo que havia recebido esta manhã uma libra e que ontem um irmão havia mandado 15 quilos de sal, 44 dúzias de cebola e 13 q uilos de batatas.

8 de setembro - Sábado à noite. Ainda estou passando pela hora da provação, pois, por enquanto, não aprouve ao Senhor mandar auxílio. Há duas noites, ouvi o irmão Craik falar sobre a fé de Abraão, baseado em Gênesis 12, dizendo que tudo corria bem enquanto Abraão agia pela fé e andava

de acordo com a vontade de Deus, mas que as coisas falhavam quando ele não confiava em Deus.

Duas coisas sinto de especial importância no meu caso: 1)Que eu não faça atalhos meus, buscando socorro. Tenho cerca de 220 libras no banco. Esta importância me foi confiada por um irmão e uma irmã para outros setores do trabalho do Senhor. Poderia tomar este dinheiro e comunicar aos seus doadores que, em muita necessidade, tive que tirar daquela quantia 20, 50 ou 100 libras para os órfãos; sei que eles estariam perfeitamente de acordo, pois ambos têm dado liberalmente para os órfãos e o irmão já disse muitas vezes que falasse com ele sempre que precisasse de dinheiro, mas esta será uma saída minha e não de Deus. Além disso, seria também uma barreira para o exercício da fé, na próxima hora de necessidade; 2)Recordei novamente, ao ouvir o irmão Craik, do perigo de desonrar ao Senhor, da mesma maneira em que eu tenho pedido pela Sua graça, em pequena medida, trazer-Lhe glória e confiança nEle.

Ontem e hoje tenho trazido onze argumentos a Deus sobre o porquê seria de Sua vontade enviar-nos auxílio. Uma coisa, entretanto, devo dizer e é que nestes últimos dias a minha oração tem sido principalmente que o Senhor em Sua misericórdia não permita que a minha fé falhe. Meus olhos estão fixos nEle e sei que pode ajudar logo. De uma coisa tenho certeza e é que no Seu tempo e no Seu modo, Ele enviará socorro.

Os argumentos que trago, perante Deus são:

1)Que iniciei este trabalho para a glória de Deus, isto é, para que houvesse prova visível, do atendimento por Deus, unicamente em resposta à oração, das necessidades dos órfãos, mostrando que Ele é o Deus vivo e que de bom grado se dispõe a atender nossas orações, mesmo em nossos dias, e que, portanto, seria do Seu agrado mandar-nos o necessário;

2)Que Deus é o Pai dos órfãos e que Ele, como seu Pai, se agradaria em ajudá-los (Salmo 68.5);

3)Que tenho recebido as crianças em Nome de Jesus e que, portanto, Ele, através destas crianças, foi recebido,

alimentado e vestido. Por isso, seria do Seu agrado considerara este aspecto (Marcos 9.36-37);

4) Que a fé de muitos filhos de Deus se acha fortalecida através deste trabalho e que se Deus interromper os meios para o suprimento no futuro, aqueles que se acham fracos na fé se confundiriam ainda mais, ao passo que, através da continuidade do fornecimento necessário, a sua fé poderia ser ainda mais fortalecida;

5) Que os inimigos haveriam de rir-se se o Senhor deixasse de nos ajudar. Eles diriam: “Não dissemos que este entusiasmo não daria em nada?”;

6) Que muitos filhos de Deus, por falta de conhecimento ou em estado de separação de Deus, sentir-se-iam justificados em continuar sua aliança com o mundo em relação ao trabalho de Deus, continuando, como antes, agindo contrariamente às Escrituras a respeito de instituições similares, quanto à obtenção de dinheiro, se Ele não me ajudasse:

7) Que Ele se lembre que sou eu filho e que no Seu amor tenha misericórdia de mim, lembrando-se que eu não posso sustentar estas crianças e que, portanto, Ele não permita que este fardo esteja sobre mim por muito tempo sem mandar ajuda;

8) Que Ele se lembre também de meus colegas de trabalho, que confiam nEle, mas que seriam tentados se houvesse falta de mantimentos;

9) Que Ele se lembre que teria que tirar as crianças de sob nossos cuidados e instrução bíblica, devolvendo-as a seus companheiros anteriores;

10) Que Ele mostre estarem enganados aqueles que diziam que a princípio receberíamos o necessário, enquanto tudo era novidade, mas posteriormente não;

11) Que eu não saberia, se Ele deixasse de ajudar, a que atribuir todas as notáveis respostas à oração que Ele me tem dado até agora em relação a este trabalho e que me tem mostrado que, sem dúvida, são respostas de Deus.

Em pequena medida, posso dizer que compreendo pela experiência própria o que significam as palavras “até quando” tão frequentes nos Salmos.

10 de setembro - Segunda-feira pela manhã. Não recebemos nada nem sábado e nem ontem. Parecia-me agora necessário tomar certas medidas devido à nossa grande necessidade. Achei que devia ir aos Orfanatos e reunir irmãos e irmãs, os quais, com exceção do irmão T., nunca tinham sido informados quanto ao estado dos fundos, e explicar-lhes o que se passava, ver quanto dinheiro era absolutamente necessário para o presente e dizer-lhes que, apesar desta prova de fé, ainda creio que Deus ajudará e, então, passar com eles algum tempo em oração.

Pensei também dizer-lhes que não comprassem nada além das possibilidades de nosso dinheiro, mas que, por outro lado, nada permitissem que falta-se às crianças no que se refere a alimento nutritivo e roupas necessárias, pois preferiria mandar as crianças de volta do que vê-las passar necessidade. Pensei também em verificar se ainda havia algum objeto enviado para ser vendido ou se havia algum sobressalente que poderia ser transformado em dinheiro. Senti que tínhamos chegado uma crise solene.

Às nove e meia recebi seis pence, que haviam sido colocados anonimamente na caixa de ofertas. Esta pequena oferta pareceu-me como um penhor de Deus, mostrando misericórdia e prometendo mais. Às dez horas, depois de estar com o irmão Craik em conversa e oração, recebemos a visita de uma irmã que deixou 21 xelins com a minha esposa e eram destinados aos órfãos, dizendo-me que fazia muito tempo sentira o desejo de vir e que demorara muito em fazê-lo. Poucos minutos depois, ao entrar eu na sala onde ela se encontrava, deu-me 21 xelins. Isto ela fez sem saber de nossas necessidades.

Assim, o Senhor na Sua misericórdia mandou-nos um pequeno auxílio, para o encorajamento da minha fé. Poucos minutos depois, vieram do Orfanato dos Bebês buscar dinheiro e mandei-lhes duas libras, depois mandei mais uma

libra e seis pence ao Orfanato dos Meninos e uma libra ao Orfanato das Meninas. Hoje fiquei conhecendo um jovem que, juntamente com sua irmã, chegou ao conhecimento do Senhor através do meu primeiro livro, chamado Minha Narrativa.

13 de setembro - Esta manhã achei absolutamente necessário contar aos irmãos e irmãs o estado em que estamos e dar-lhes as instruções necessárias para não fazermos dívidas. Oramos juntos e tivemos uma reunião muito agradável. Todos parecem confiantes. Ajuntamos 12 xelins e 6 pence das caixas das três Casas, 12 xelins que um dos obreiros deu e uma libra e um xelim proveniente de bordados feitos pelas meninas. Uma das irmãs que está no trabalho mandou um recado, dizendo que não me preocupasse com seu salário, pois não precisaria receber nada durante 12 meses. Que bênção é ter tais colegas de trabalho!

14 de setembro - Reuni-me novamente com os irmãos e irmãs esta manhã, pois o Senhor ainda não mandou auxílio. Depois de orarmos, um dos obreiros deu-me todo o dinheiro que tinha (16 xelins), dizendo que não seria certo orar para que Deus mandasse, se ele não desse o que podia. Uma das irmãs disse-me que em seis dias poderia dar 6 libras que ela havia guardado no banco para uma eventualidade. Louvado seja Deus por tais colegas de trabalho! Até hoje as governantas das três Casas pagavam o padeiro e o leiteiro semanalmente, pois preferiam receber o dinheiro desta forma, sendo que, às vezes, também pagavam assim ao açougueiro e ao dono do armazém.

Mas, agora, quando o Senhor fornece as necessidades do dia, achamos que seria errado continuar desta maneira, pois poderia ser que, vencida a semana, não tivéssemos dinheiro para o pagamento e aqueles com quem tratamos teriam aborrecimentos conosco. Então nos veríamos agindo contrariamente à ordem do Senhor: “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma” (Romanos 13.8). Deste dia em diante, enquanto o Senhor nos fornecer as necessidades do dia, nos

propomos pagar a dinheiro pela compra de tudo quanto for necessário, nada adquirindo que não possamos pagar imediatamente, por mais que a necessidade pareça urgente e por mais que os fornecedores insistam em serem pagos semanalmente.

O pouco que devíamos, conseguimos saldar hoje. Ao voltar para casa, encontrei um enorme pacote de roupas que havia sido enviado de Dublin para os órfãos, prova de que Deus ainda se lembra de nós. Reunimo-nos à noite para oração. Todos se acham animados e ainda cremos que o Senhor suprirá nossa necessidade.

15 de setembro - Reunimo-nos esta manhã para oração. Deus conforta aos nossos corações e aguardamos Seu auxílio. Fiquei sabendo que o alimento que temos é suficiente para hoje e amanhã, embora não tenhamos o dinheiro necessário para compra do pão com antecedência. Esta tarde, um dos obreiros, que estivera ausente de Bristol por vários dias, voltou e trouxe uma libra. Esta noite, reunimo-nos outra vez e descobrimos 11 xelins e 6 pence que haviam sido doados. Com este dinheiro pudemos comprar a quantia de pão necessário e ainda ter um pouco de sobra. Deus seja louvado, o Qual nos deu a graça suficiente para chegar à decisão sem nada comprar sem dinheiro para pagamento imediato.C

17 de setembro - A provação ainda continua. Vemo-nos mais e mais tentados em relação à nossa fé, cada dia que passa. Certamente o Senhor tem o Seu sendo elevado e sábio propósito, ao permitir que clamemos tanto tempo por Sua ajuda. Mas tenho certeza de que Deus enviará socorro, se pudermos esperar. Um dos obreiros recebeu uma quantia em dinheiro, da qual nos deu 12 xelins e 8 pence; outro obreiro deu 11 xelins e 8 pence, sendo tudo o que tinha. Isto, com 17 xelins e 6 pence que tínhamos em mãos, permitiu que pagássemos o que precisava ser pago e comprar o mantimento necessário, de modo que, na realidade, ainda nada faltou. Esta noite sentia-me um tanto cansado, devido a tanto tempo sem receber quantias maiores, mas, sendo levado às Escrituras em busca de conforto, minha alma

sentiu-se enormemente animada e minha fé fortalecida pela leitura do Salmo 34, de modo que alegremente fui ao encontro dos meus colegas para oração. Li o mesmo Salmo para eles e procurei animar os seus corações através das preciosas promessas nele contidas.

18 de setembro - O irmão T. tinha 25 xelins em mãos e eu tinha 3. Com isto pudemos comprar a carne e o pão necessários, um pouco de chá para uma das Casas e o leite para todos. Não é preciso mais nada hoje. Assim o Senhor forneceu o necessário não apenas para o dia, mas há pão para mais dois dias. Agora, entretanto, estamos em extrema necessidade. O saldo está completamente esgotado. Os obreiros que tinham alguma coisa deram tudo o que podiam. Vejam bem, como o Senhor nos ajudou.

Certa senhora de Londres, trouxe uma oferta de sua filha e chegando há quatro dias a Bristol, hospedou-se na casa vizinha ao Orfanato dos Meninos. Esta tarde, ela mesma veio trazer-me o dinheiro: 3 libras, 2 xelins e 6 pence. Estávamos em situação tão difícil que quase resolvemos vender aquilo de que poderíamos dispor. Esta manhã pedi ao Senhor, se possível, evitar-nos fazer isto. Este dinheiro a nós ofertado e que estivemos há tantos dias esperando, sem ser entregue, é prova cabal que foi intenção do Senhor ajudar-nos, mas, como Ele se agrada das orações de Seus filhos, permitiu que orássemos tanto tempo. Também era Sua finalidade provar a nossa fé e fazer a resposta mais agradável.

20 de setembro - Manhã. O Senhor bondosamente deixou que entrassem algumas ofertas. Ontem à noite, recebi um xelim e 6 pence e hoje de manhã, uma libra e 3 xelins. Esta tarde o Senhor mandou ainda mais: 8 libras, 11 xelins e 2 pence e meio chegaram como prova de que o Senhor não se esqueceu de nós. Havia na caixa de ofertas do Orfanato das Meninas uma libra e um xelim e na do Orfanato dos Meninos havia uma libra, 7 xelins e dois pence e meio.

Um de nossos auxiliares, de acordo com sua promessa feita há uma semana, deu 6 libras e 3 pence, Cerca de 18 meses atrás, ela sentiu que não estava certo ela ter o dinheiro

na Caixa de Poupança. Em seu coração entregou este dinheiro que lá tinha guardado, pretendendo retirá-lo em tempo de necessidade.

2 de outubro - Que seja louvado o santo Nome do Senhor. Ele tem agido de maneira tão abundante conosco nestes dias, recebi 5 libras para os órfãos. Deste dinheiro, dei 10 xelins a cada Casa, o que permitiu que tivessem o necessário para a compra de mantimentos, antes mesmo de se esgotar o que tinham. Como é bondoso o Senhor. Sempre, antes de haver falta real, Ele envia auxílio. Ontem recebemos mais uma libra e 10 xelins, o que, com 4 xelins 2 pence que tínhamos em mãos, foi dividido para as necessidades presentes. Pude também pagar o aluguel de 19 libras e 10 xelins, o que conseguimos da seguinte forma: um dos obreiros recebera algum dinheiro de sua família e deu-nos 16 libras que, junto com as 3 libras e 10 xelins restantes das recebidas há dois dias, completou a quantia de 19 libras e 10 xelins de que precisávamos. Hoje novamente nos vemos a zero. Não tínhamos dinheiro para a compra de pão antecipada no Orfanato dos Meninos e no dos Bebês, mas o Senhor novamente nos ajudou.

Certa irmã que chegara esta tarde de Swansea trouxe uma libra e 7 xelins e um dos obreiros vendeu qualquer coisa sua, dando-nos uma libra e 13 xelins. Assim, completamos 3 libras, uma para cada Casa, e pudemos comprar o pão antes do fim do dia. Até aqui, nada nos tem faltado!

6 de outubro - Sábado. O Senhor misericordiosamente nos ajudou novamente. Lembrei-me de que tínhamos alguns cobertores novos guardados nos Orfanatos, que haviam sido doados há algum tempo, mas que não estavam em uso e, portanto, poderiam ser vendidos. Vi confirmada a minha ideia ao descobrir que as traças já haviam roído dois e, tendo boa oportunidade para fazê-lo, vendi 20 cobertores. Assim, o Senhor não supriu nossas necessidades presentes para as três Casas, mas permitiu que pudesse pagar o aluguel para esta semana e a próxima. Recebemos 9 xelins e 6 pence, além das 7 libras dos cobertores. O Fundo Escolar também estava

a zero, mas ontem e hoje recebemos tanto que pudemos não somente pagar os salários semanais, mas separar uma libra para o aluguel.

9 de outubro - Através do que contamos acima, fomos ajudados hoje, quando estávamos em situação pior do que nunca. O mantimento era apenas o necessário para o dia e o dinheiro para a compra do leite em uma das Casas só poderia ser completado se um dos obreiros vendesse um livro seu.

A governanta do Orfanato dos Meninos tinha somente 2 xelins. Estando em dúvida se deveria comprar pão ou um pouco de carne para completar o necessário para o almoço, o padeiro passou e deixou o pão como presente. Nesta grande necessidade, um dos obreiros deu-nos duas libras provenientes de dinheiro que havia ganho. Com isto, pudemos comprar carne, pão e outros mantimentos. Mesmo assim, na situação difícil em que estávamos antes de receber as duas libras, as Casas tinham o necessário para hoje.

10 de outubro - O Senhor providenciou tanto desde ontem à tarde que hoje em nossa reunião pudemos dividir duas libras e dois pence entre as três governantas, o que nos garante o dia de hoje. Mas estamos sem carvão no Orfanato dos Bebês e o estoque de carvão para as outras Casas está também quase esgotado. A provisão de melado nas três Casas está também quase no fim. Por isso temos pedido ao Senhor que nos ouça novamente.

11 de outubro - O Pai dos órfãos novamente mostrou o Seu cuidado por nós. Um órfão de Devonshire chegou ontem à noite e trouxe consigo 5 libras, 5 xelins e 6 pence. A irmã, que veio trazê-lo, deu-nos também uma baixela de prata, dizendo-nos que achara uma verdadeira riqueza em Cristo. Nas caixas de ofertas havia 9 xelins. Um dos obreiros comprou uma tonelada de carvão. A venda da baixela rendeu 16 libras e 16 xelins. Assim fomos ajudados nas despesas pesadas dos próximos dias.

16 de outubro - O dia começou com misericórdia. Estava esperando ajuda do Senhor de manhã cedo, quando logo depois o irmão T. chegou, trazendo 6 colheres de prata que

havam sido deixadas anonimamente ontem à tarde no Orfanato das Meninas. Esta tarde recebi 12 libras de Stafforshide. Selando a carta que trazia o dinheiro estava esta palavra: “Ebenezer”. E como é verdadeira a nosso respeito, pois até aqui realmente nos ajudou o Senhor!

27 de outubro - Sábado. Hoje recebemos auxílio misericordioso mais uma vez, embora a nossa necessidade fosse maior do que nunca, mas graças ao nosso adorável Senhor nos permitiu que não fôssemos confundidos. Tínhamos 6 xelins por coisas que haviam sido vendidas. A isto, um dos obreiros acrescentou 18 xelins. Com esta libra e 10 xelins pudemos cobrir as necessidades urgentes e providenciar mantimento para hoje e amanhã.

30 de outubro - Esta tarde, certa irmã deu-me 20 libras, dez das quais eram para os órfãos e dez para outras finalidades. Assim, temos ajuda para esta semana.

4 de novembro - Domingo . Um estranho, que assistira a reunião na Casa de Oração Betesda na última quarta-feira, deu-nos 21 xelins para os órfãos, o que eu recebi hoje. Assim o Senhor faz com que a semana comece com misericórdia e Seu amor sem dúvida nos ajudará durante o decorrer da mesma, embora tenhamos necessidade de muitas libras antes do seu término.

5 de novembro - Através de 21 xelins que recebemos ontem, além de mais alguns donativos e junto com duas libras e 10 xelins que um dos obreiros colocou do seu dinheiro, dividimos hoje 6 libras, 2 xelins e 6 pence entre as governantas, o que suprirá a sua necessidade por dois dias pelo menos.

7 de novembro - O nosso saldo novamente se acha a zero. Hoje reparti uma libra, 3 xelins e 6 pence que entraram ontem, sendo que as necessidades mais urgentes se acham cobertas. Seja louvado o Senhor que nos tem ajudado até aqui! Uma de nossas órfãs, achando uma boa colocação, começou hoje a trabalhar e o Senhor permitiu que lhe déssemos roupa adequada.

13 de novembro - Esta manhã, novamente era grande a nossa necessidade. Tenho 20 libras em mãos, que separei para o aluguel. Para honra do Senhor não tocarei neste dinheiro. Nada entrou e os obreiros nada tinham para dar. Fui, entretanto, aos Orfanatos para orar com meus colegas e, se possível, confortá-los e ver o que poderia ser feito.

Ao chegar, descobri que havíamos recebido 19 xelins e 6 pence para enfrentar as necessidades do dia. Assim, mais uma vez, o Senhor nos ajudou a sair da dificuldade. Um dos obreiros deu algumas coisas de que podia dispor e outro deu uma caixa de costura para ser vendida a favor dos órfãos. Durante esse dia, o Senhor enviou uma libra, dois xelins e 4 pence, de modo que temos um pouco para amanhã.

15 de novembro - O dinheiro que entrou há dois dias supriu as necessidades de ontem também, mas hoje nos vimos novamente sem recursos. Fui aos Orfanatos a orar com meus colegas, esperado que talvez o Senhor já se tivesse manifestado, mandando auxílio. Quando cheguei, descobri que um dos obreiros havia vendido alguns livros junto com outros dois que haviam sido dados por outro obreiro no dia 13 e pelos quais havia recebido 7 xelins. A esta quantia, um outro obreiro acrescentou 7 xelins e 9 pence. Estes 14 xelins e 9 pence supriram as necessidades prementes.

Voltando para casa, achei um xelim na caixa e logo depois recebi 5 xelins, provenientes de um objeto que nos fora dado para ser vendido. Lá estavam também 3 cestas de batatas, uma para cada Casa. Havíamos encomendado um saco de batatas, mas o irmão que deveria fazer o carroto foi impedido de fazê-lo e hoje, com o presente das cestas que havia sido enviado por ele, achou que não haveria urgência na entrega do saco.

Quanta bondade do Senhor em agir assim, pois se ele as tivesse trazido, teríamos que usar o dinheiro que estava separado para o pão. Antes do fim do dia, porém, o Senhor ajudou ainda mais. À tarde, um senhor de Bath visitou o Orfanato dos Meninos e deixou um cheque de 3 libras. Ao

todo, nós recebemos hoje das mãos do Senhor 4 libras, 4 xelins e 9 pence..

17 de novembro - Sábado. Hoje precisávamos de mais 3 libras e, como havíamos recebido apenas 15 xelins e 6 pence, achamos necessário resolver com algumas peças do mobiliário que não eram de grande necessidade. Um obreiro deu-nos um relógio de ouro para ser vendido, relógio este que comprara meses antes, quando ainda não havia nenhum relógio na Casa. Confiando nestes objetos a serem vendidos, tirei duas libras e 10 xelins do dinheiro que havíamos reservado para o aluguel, para ser restituído posteriormente. Assim fomos ajudados e chegamos ao término de mais uma semana.

20 de novembro - Nossa necessidade hoje era muito grande. Fui encontrar-me com os irmãos e as irmãs como sempre, e soube que precisaríamos de uma libra para as necessidades de hoje, sendo que havíamos recebido apenas 3 xelins. Quando estávamos para orar, um dos obreiros chegou e depois de fazer oração, deu 10 xelins. Enquanto estávamos orando, outro obreiro chegou, trazendo uma libra. Assim, recebemos um pouco mais do que o estritamente necessário.

21 de novembro - Nunca nos vimos tão sem dinheiro como hoje. Não tínhamos um tostão em nenhuma das três Casas. Entretanto, tínhamos o mantimento necessário para uma boa refeição e, com alguns arranjos entre as Casas, passaríamos o dia, mas seria impossível fazer a compra de pão para o dia seguinte. Ao deixar os irmãos, à uma hora, depois de termos orado, disse-lhes que deveríamos esperar auxílio e ver como o Senhor nos libertaria desta vez. Tinha certeza absoluta que receberíamos auxílio, embora estivéssemos realmente apertados. Sentindo a necessidade de fazer um pouco de exercício, pois estava muito frio, resolvi tomar o caminho mais longo para casa e, após andar um pouco, encontrei-me com um irmão e deu-me dez libras pra serem entregues aos irmãos diáconos para a compra de carvão, cobertores e roupas de lã para os pobres e mais 5 libras para a Sociedade para o Conhecimento da Escrituras.

Este irmão havia passado em casa duas vezes, enquanto eu estivera ausente e agora, se me atrasasse meio minuto, não o teria encontrado. Mas o Senhor conhece a nossa necessidade e permitiu que nos encontrássemos. Imediatamente, mandei 5 libras às governantas.

24 de novembro - Este também foi um dia notável. Sem quase nada de manhã, sabíamos da necessidade de várias libras. Mas Deus, que é rico em misericórdia e cuja Palavra declara positivamente que ninguém que nEle confia será confundido, tem-nos ajudado durante mais este dia.

Enquanto me achava em oração, lá pelas dez da manhã, principalmente com respeito ao dinheiro, chamaram-me, dizendo que um senhor me esperava. Ele viera informar-me que uma senhora havia encomendado três sacos de baratas para os Orfanatos. Não poderiam ter chegado em melhor hora. Senti-me animado com isso e continuar esperando auxílio. Quando cheguei à reunião de oração, às 12 horas, soube que havíamos recebido 2 xelins. Também recebemos uma libra proveniente da venda de um violão que havia sido dado para este fim. Esperávamos pelo pagamento do violão fazia algumas semanas. Já havíamos comentado que provavelmente chegaria exatamente quando mais precisássemos dele, o que realmente aconteceu. Também o relógio foi vendido por 2 libras e 10 xelins.

25 de novembro - Domingo. O Senhor se lembra de nós com amor antes de haver necessidade absoluta. Certa irmã que deveria deixar Bristol passou em casa para despedir-se e deu-me uma libra e 10 xelins para os órfãos. É notável que quase todos os donativos que temos recebido nestes últimos quatro meses e 13 dias em que estamos em maior dificuldade têm vindo de fontes inesperadas, tornando assim a mão de Deus mais declaradamente manifesta.

28 de novembro - Creio que este dia foi o mais notável de todos no que diz respeito ao dinheiro. Quando estava orando esta manhã s respeito de nossas dificuldades, pude crer que o Senhor mandaria auxílio, embora tudo parecesse escuro, quanto às aparências naturais. Às doze horas, reuni-

me como sempre com os irmãos em oração. Havíamos recebido apenas um xelim, deixado ontem à noite anonimamente no Orfanato dos Bebês e que já havia sido aplicado, com exceção de 2 pence, devido à grande necessidade. Soube também que certo indivíduo havia limpado o relógio do Orfanato dos Bebês e se prontificara a manter em funcionamento os três relógios. Assim, o Senhor deu-nos este oferecimento para ânimo de nossos corações, como prova de que Ele ainda cuida de nós. Ao perguntar, descobri que o necessário para o almoço estava em mãos, mas que nem no Orfanato dos Meninos, nem no dos Bebês havia pão suficiente para o lanche e nem dinheiro para compra do leite. Nunca estivéramos até hoje em tal situação.

Entregamo-nos à oração, colocando o problema diante do Senhor com toda a simplicidade. Enquanto estávamos em oração, alguém bateu à porta e uma das irmãs saiu para atender. Depois de dois dos obreiros e eu orarmos em voz alta, ainda continuamos em oração silenciosa. Quanto a mim, elevava o meu coração ao Senhor buscando dEle uma saída e também procurando saber se havia qualquer coisa que pudesse fazer com a consciência tranquila, além de esperar apenas nEle, para que pudéssemos ter alimento para as crianças. Afinal levantamo-nos e eu disse: “Certamente Deus enviará auxílio”.

Nem bem eu acabara de pronunciar estas palavras quando notei uma carta em cima da mesa, que havia sido trazida enquanto estávamos em oração. Vinha de um irmão que mandava 10 libras para os órfãos. Fazia dois dias, esta pessoa perguntara se o saldo credor dos órfãos, quando fizéssemos o balanço, seria tão grande desta vez quanto o fora da última vez. Respondi-lhe que seria tão grande quanto o quisesse o Senhor. No dia seguinte, sentiu-se levado a lembrar dos órfãos e mandou-nos esta quantia. Assim, pude dar 6 libras e 10 xelins para a compra de alimentos e guardar 3 libras e 10 xelins para o aluguel.

Se alguém pensar, ao ler este relato simples das dificuldades pelas quais passamos durante os quatro meses

que antecederam o dia 9 de dezembro 1838 em relação à obra dos Orfanatos, que eu me ache desapontado no tocante às minhas expectativas quanto ao dinheiro, a resposta é que me aconteceu justamente o contrário. Sempre esperamos dificuldades e muito antes de aparecerem eu havia dito publicamente, mais de uma vez, que a resposta às orações em tempo de necessidade, ou seja, a manifestação da mão de Deus estendida em nosso auxílio, era, afinal, a própria finalidade do estabelecimento da Instituição.

Digo mais. Os órfãos nunca passaram necessidades. Se tivéssemos sempre alguns milhões em caixa, eles não teriam passado melhor do que o fizeram, pois sempre tiveram alimento bom e nutritivo e o necessário em roupas boas e adequadas.

Há dois anos tínhamos um saldo de 373 libras, 4 xelins e 8 pence e agora temos 50 libras, 5 xelins e 3 pence.

1839

13 de fevereiro - Esta tarde entreguei o resto do dinheiro que tínhamos em mãos e, ao dá-lo, ao irmão T., disse-lhe: “Agora temos que buscar novamente o auxílio do Senhor”. Esta tarde recebi 5 libras que nos foram doadas nas seguintes condições: Um casal estava visitando os Orfanatos e encontrou-se com duas senhoras que também o visitavam. Uma das senhoras disse à governanta do Orfanato dos Meninos: “Naturalmente, você não podem manter estas Casas sem uma grande quantia de dinheiro e precisarão ter sempre um saldo muito grande”. O senhor, virando-se então para a governanta, perguntou: “Vocês têm um bom saldo?” A governanta respondeu: “O nosso fundo está depositado em um banco que não pode falir”. Lágrimas brotaram dos olhos da senhora e do senhor; ao partir, deu ao professor dos meninos 5 libras que chegaram quando não tínhamos um tostão em mãos.

15 de julho - Segunda-feira. Hoje precisávamos de 2 libras, 7 xelins e 3 pence para os órfãos e nada tínhamos. Eu não sabia como obter o necessário para o almoço e todo mais de que havia necessidade. Meu coração estava em paz, certo

de que teríamos brevemente o auxílio, embora sem saber de onde viria. Antes da chegada do irmão T., recebi uma carta da Índia, datada de maio com uma ordem de pagamento de 50 libras para os órfãos. Eu havia dito no sábado ao irmão T. que seria bom se recebéssemos 50 libras, porque os salários dos obreiros estão vencidos, os potes de melado estão vazios e o estoque de mantimentos muito baixo. Ainda temos necessidade de algumas roupas para as crianças e de material para os meninos continuarem seus trabalhos. Agora recebemos exatamente 50 libras. Além de tudo isto, este dinheiro chega em boa hora, pois tenho que me ausentar de Bristol por alguns dias e agora posso fazê-lo tranquilamente, pois poderei deixar o necessário.

À tarde deste mesmo dia, encontrei-me com vários crentes na casa de um irmão e certa irmã disse que pensara muitas vezes em relação aos meus cuidados com um número tão grande de pessoas. Como talvez não seja somente ela que pensa assim, eu gostaria de afirmar que, pela graça de Deus, isto não significa preocupação para mim.

Senti-me tão animado e encorajado que, desde então, não pude mais duvidar do Senhor e não só isto, mas não posso desanimar-me, mesmo quando estamos na maior pobreza. É de se esperar que a nossa fé seja provada cada vez mais e nós ficaremos firmes, apenas na medida em que o Senhor nos ajudar. Há anos, coloquei todas as crianças nas mãos do Senhor, a obra é toda Sua, a mim compete andar sem preocupações e sou ajudado pela graça de Deus a alcançar todo o meu cuidado sobre o meu Pai celestial.

Embora até agora (julho de 1845), durante cerca de sete anos, o nosso saldo tem estado tão baixo que tem sido um caso raro podermos providenciar o necessário para três dias, mostrei-me desanimado de espírito apenas uma vez e isto foi no dia 18 de setembro 1838, quando parecia, pela primeira vez, que o Senhor não ouvira a nossa oração. Mas, ao chegar o auxílio, eu percebi que estávamos em tal situação apenas para a prova da nossa fé e não porque Ele tivesse abandonado o trabalho.

Senti-me tão animado e encorajado que, desde então, não pude mais duvidar do Senhor e não só isto, mas não posso desanimar-me, mesmo quando estamos na maior pobreza. É de se esperar que a nossa fé seja aprovada cada vez mais e nós ficaremos firmes, apenas na medida em que o Senhor nos ajudar.

22 de agosto - Durante o meu passeio matinal, quando recordava diante do Senhor a nossa necessidade, senti a certeza de que Ele enviaria auxílio no decorrer do dia. Minha segurança provinha única e exclusivamente da nossa necessidade, pois não haveria condições de passarmos por aquele dia sem recebermos o auxílio necessário. Nesta nossa grande necessidade, depois de juntar os objetos que seriam vendidos, certa irmã, que ganha o seu pão com o trabalho de suas mãos, trouxe 82 libras. Esta irmã crê que os crentes no Senhor Jesus devem obedecer o Seu mandamento: “Vendei os vossos bens e daí esmola” (Lucas 12.33) e “não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra” (Mateus 6.19).

Assim pensando, havia tirado a economia de 250 libras que tinha guardado, trazendo em três ocasiões diferentes para o benefício dos órfãos, do Fundo Missionário e Escolar e para os crentes pobres. Cerca de dois meses atrás, trouxe-me 100 libras, produto de alguma coisa que vendera, a metade do qual deveriam ser usado para o Fundo Escolar, Missionário e Bíblico e a outra metade para os crentes pobres. Estas 82 libras que ela trouxe hoje são o produto da última possessão terrena que tinha. A esta altura, preparando a sétima edição do meu livro para impressão, mais de 29 anos são passados, desde que isto aconteceu e esta irmã nunca se mostrou arrependida quanto ao passo dado, mas continua trabalhando calmamente para ganhar o seu sustento.

19 de outubro - O Senhor continua a derramar Suas bênçãos abundantes! Hoje de manhã recebemos 10 libras de Worcester e outra irmã trouxe 7 libras, produto da venda de cestas que ela e outras irmãs fazem para o benefício dos órfãos. Este último acontecimento mostra que o Senhor usa

vários meios para atender nossas necessidades, tudo sem ser preciso pedir a um indivíduo, pois ao Senhor e só a Ele falamos a respeito de nossas necessidades. Estamos agora relativamente ricos, pois temos o necessário para atender as necessidades de cerca de 8 dias, o que durante os últimos 15 meses só aconteceu uma ou duas vezes.

16 de novembro - Uma grande mala havia sido doada por um irmão há vários meses, em benefício dos órfãos, da qual ainda não havíamos dispostos, mas hoje em grande necessidade a vendemos por 15 xelins. Esta quantia, porém, era necessária para a compra de mentimentos. Um irmão pensou em vender o seu relógio, mas chegou à conclusão que seria melhor não o fazer, pois ele tem necessidade do relógio e, como o nosso Senhor é tão bondoso, resolvemos não vendê-lo, pois ele mandará ao auxílio se assim for melhor para nós. Chegamos também à conclusão de que não deveríamos vender qualquer coisa que nos seja necessária, mas apenas o que for supérfluo, a fim de que seja manifesta de maneira mais clara a própria atuação do Senhor.

A única coisa que lembrávamos possuir nestas condições era uma coleção de pratos de cerâmica, doados há mais de quatro anos, por serem inconvenientes. Estes concordamos em vender. Lá, pelas quatro horas, recebi 2 libras e 2 xelins que foram mandados de Leicestershire. Com esta quantia fui alegremente aos Orfanatos, onde descobri que havíamos recebido 9 xelins e 16 pence pela cerâmica e certo obreiro havia dado 10 xelins para os órfãos e 10 xelins para o Fundo Escolar.

Chegamos, assim, ao término de mais uma semana. Esta foi, talvez, de todas as semanas a mais difícil. Tanta oração e tão pouco entrando, creio nunca ter visto. No entanto, pela graça de Deus, tenho certeza de que o auxílio virá uma vez passada a prova da fé.

22 de novembro - Nossa pobreza é, agora, muito grande. Talvez maior do que nunca, mas, glória na Deus, não me acho ansioso, pois tenho certeza que só nos achamos em situação

como esta para a aprova da nossa fé. Se o Senhor tivesse fechado a mão em ira, naonos teria dado, mesmo durante esta semana, peuenas provas do Seu cuidado por nós.

Hoje de manhã, eu disse: “O apuro dói hmem é a oportuniade de Deus”. Seo mundo ua estas palavras como um provérbio, quanto mais a nós, Seus filhos, devemos olhar para Ele em nosssa grande necessidade. Sabia que teríamos que receber auxílio de uma maneiraoud e outra, pois chegamos agora ao ponto denada termkos em nenhuma das casas a não ser batatas. Às dez damanhã soube da hegada de um pacote em uma das casas. Saí imediatamente e descobri sr de Wioolverhampton, contendo 12 loibrs para os órfãos, uma libra, 11 xelins e 10pence para os outros Fundos,vários cortes de vestidos e algunsobjetos para serem vendidos em beneficio dos órfãos.

A alegria quem eu e meus colegas sentimkod ao ver estas coisas dianate de nós, não pode ser descrita; preissa ser experimentada a fim de ser conhecida. Faltavam dusa horas e meia para o almoço.O Senhormsabia que os órfãos não tinham almço e, portanto, Ele mesmo enviara o auxílio.

1940

1 de fevereiro - Tenho tido a certeza, há algum tempo que devo deixar Bristol por alguns dias e partir para a Alemanha.

2 de fevereiro - Recebemos hoje mais 9 libras para os órfãos. Como é bondoso o Senhor, enviando este dinheiro, na véspera de minha saída de casa.

3 de fevereiro - Parti rumo a Berlim.

ÚLTIMA VISITA AO PAI

Deixei Berlim na tarde do dia 20 em direção a Magdeburg, onde cheguei na manhã do dia 21 à tarde do mesmo dia e cheguei à casa de meu pai. Ele está obviamente mais fraco que há dois anos atrás e tosse muito mais. Quanto o Senhor tem feito por mim, desde que morava na casa onde me encontro agora! Esta sala, na qual eu fico para orar, ler a Sua Palavra e louvar o Seu Nome é a mesma em que eu tanto pequei há muitos anos atrás. Novamente tive oportunidade de

trazer a mensagem do Evangelho em toda a sua plenitude ao meu pai, enquanto falava com uma senhora, em sua presença, mostrando a ela, através das Escrituras, que somos salvos não pelas nossas próprias obras, mas simplesmente pela fé no Senhor Jesus, que levou o castigo em nosso lugar e que Ele cumpriu a lei por nós.

26 de fevereiro - Esta manhã deixei Heimersleben. Despedi-me de meu pai, provavelmente pela última vez. Foi um grande prazer e também uma grande oportunidade que o Senhor me concedeu ver o meu pai mais uma vez, mostrando-me o meu amor filial e novamente expondo-me a verdade. Ele mostrou-se muito carinhoso durante toda esta semana, como o fora também nas outras duas ocasiões em que voltei, depois de mudar para a Inglaterra. Deixaria-o com outro estágio de espírito, se eu soubesse que ele descansa no Senhor. Mas, infelizmente, sei que ele ainda não depositou a sua confiança no Salvador, embora tenha o suficiente de espírito religioso para ler a Bíblia e livros de orações.

26 de março - No dia 17 recebi a seguinte carta de um irmão que nos tem ajudado muitas vezes e que há, apenas, dois meses enviara 30 libras.

“Recebi algum dinheiro de... Você tem alguma necessidade presente na Instituição que está sob os seus cuidados? Sei muito bem que você não pede, a não ser Àquele cujo trabalho você está fazendo, mas, responder quando solicitado me parece coisa diferente e até certa. Tenho razões para querer saber o presente estado de seu Fundo, pois, caso você não tenha necessidade, outros departamentos do Senhor podem ter. Por favor, diga-me, então qual a quantia que supriria as suas necessidades atuais”.

Quando recebemos esta carta estavam, os realmente pensando no estabelecimento de uma Escola Infantil e já estávamos em necessidade de mais Bíblias para continuarmos a circulação das Escrituras. Também no Fundo tínhamos apenas 2 xelins e 3 pence e meio. Mesmo assim, pensei que, como tenho agido até agora (isto é, contando apenas ao Senhor a nossa necessidade), assim deveria

continuar fazendo, pois de outra forma veria frustrada a finalidade principal do estabelecimento desta Instituição, ou seja, ajudar os crentes em geral, procurando levá-los a uma maior dependência do Senhor.

Portanto, respondi a carta nos seguintes termos: “Agradeço o seu amor cristão a nós demonstrado e concordo com você que, em geral, há diferença entre pedir dinheiro e responder quando solicitado. Mesmo assim, em nosso caso, não me vejo livre para falar do estado dos Fundos, pois o objetivo principal do trabalho que realizo é levar aqueles que estão fracos na fé a ver que existe a possibilidade de se lidar apenas com Deus”. Depois de enviar a carta, fui levado a orar ao Senhor vez após vez, desta maneira: “Senhor, Tu sabes que por Tua causa não contei a este irmão a nossa necessidade. Agora, Senhor, mostra de novo que é válido levarmos só a Ti a nossa necessidade e fala também a este irmão para que nos ajude”.

Hoje, em resposta a minha petição, este irmão mandou 100 libras, das quais tomarei 20 para os órfãos e 20 para os outros Fundos. Assim poderei estabelecer a Escola Infantil e encomendar mais Bíblias. Os órfãos também se veem supridos por mais uma semana, pois ao chegar este dinheiro não tínhamos um tostão em mãos.

Durante os anos 1838 e 1840, cinquenta vezes, eles se acharam ou absolutamente sem nada ou com quantia insuficiente para cobrir as despesas de um dia. Mas em todas estas ocasiões, antes de chegar a faltar realmente, o necessário sempre foi suprido.

19 de novembro - Desde o dia 18 de setembro de 1838, talvez este tenha sido o dia mais difícil. Durante os últimos sete dias, temos estado em extrema pobreza, e, desde ontem, nada recebemos. Hoje não pudemos comprar o pão e nem víamos possibilidade, às três horas da tarde, para a compra do leite necessário para o lanche. O irmão B. esteve comigo e oramos juntos. O Senhor teve misericórdia, pois um dos obreiros descobriu que poderia dar-nos 10 xelins e assim

pudemos comprar o leite na hora certa. Hoje à noite, recebemos mais 10 xelins e 3 pence e assim, com a graça de Deus, pudemos comprar também o pão. Como foi bondoso o Senhor em mandar-nos uma enorme quantidade de batatas e dois sacos de aveia, antes deste tempo de grandes necessidades, quanto à finanças.

Que o Senhor em Sua piedade olhe sobre nós, pois estamos mais pobres do que nunca, uma vez que as dificuldades se avolumam dia após dias sem sermos libertos. Graças a Deus, minha mente tem gozado paz, mesmo no dia de hoje, embora a nossa fé tenha sido grandemente provada! Graças a Ele, gozo paz mesmo agora, embora veja por todos os lados apenas necessidade e não saiba onde buscar o necessário para hoje! Certamente o Senhor, a Seu tempo, estenderá a Sua mão em nosso auxílio.

20 de novembro - Nada mais entrou esta manhã. Já eram quase três horas quando o irmão B. passou para verificar se algo havia entrado, mas eu nada recebera. Voltei cerca de 15 minutos mais tarde e encontrei várias pessoas à minha espera, entre elas uma irmã que eu muito desejava falar com ela sobre um assunto da igreja. Ao término da conversa, ela deu-me 10 libras para os órfãos. Não fiquei surpreso pela oferta, pois pela graça de Deus, a minha alma esperava em Deus e no Seu auxílio. Nunca o socorro chegara tão em cima da hora, pois em nenhuma das Casas havia leite para o chá e em uma, nem mesmo pão, sendo que não havia dinheiro para a compra. O irmão B. chegou aos Orfanatos apenas alguns minutos antes do leiteiro, com o dinheiro necessário. Mas, pensando bem, faltava ainda uma hora para o chá. Que o Senhor seja louvado pela Sua misericórdia! Tal semana de pobreza como esta que começou no dia 13 de novembro nunca experimentamos antes. No entanto, graças a Deus, nada nos faltou e fomos guardados de desenrolá-lo por falta de fé.

Este modo de vida faz com que estejamos muito perto do Senhor. É como se diariamente Ele examinasse o nosso depósito e mandasse o auxílio de acordo com a necessidade.

Uma coisa é certa: não estamos cansados de fazer o trabalho do Senhor desta maneira.

1841

2 de setembro - Durante os últimos quatro meses temos suficiente para os órfãos e um pouco mais. Desde julho de 1838 quando, pela primeira vez estávamos absolutamente sem nada, nunca tivemos tanto dinheiro em mãos como agora. É como se, durante estes quatro meses, corresse um rio constante a abundante das riquezas de Deus, tanto através de ofertas em dinheiro como de objetos.

10 de outubro - Como por alguns meses tivemos maior abundância do que em qualquer época durante os três últimos anos e três meses, aprouve a Deus depois deste período de abundância, provar a nossa fé com mais severidade do que em qualquer época desde o início do trabalho. Realmente, tão grandes foram as provas da nossa fé, tão longos os períodos de tempo em que dia após dia recebíamos apenas o necessário para o dia ou até mesmo quando entre uma refeição e a outra tínhamos que buscar novamente do Senhor o necessário para a próxima!

13 de novembro - Sábado. Esta manhã tirei um xelim da caixa de ofertas, sendo que isto é tudo quanto possuímos por hoje para suprir as necessidades de hoje. Pare, caro leitor por instantes. Pense que há mais de cem pessoas em necessidade de tudo; pense que não há dinheiro guardado e pense também que isto não acontece apenas uma ou duas vezes no decorrer de um ano, mas, pelo contrário, mui frequentemente. Não é maravilhoso, sob tais circunstâncias, ter como Pai o Deus vivo, podendo recorrer a Ele, pois está sempre disposto e habilitado para ajudar a todos os que dEle necessitam? E este privilégio todos os que creem em Cristo têm o direito de usufruir, pois são filhos de Deus (Gálatas 3.26).

Sob estas circunstâncias de extrema necessidade, um relógio de prata que recebemos ontem foi vendido hoje e assim fomos ajudados nas necessidades do dia. Estamos quase sem carvão em todas as Casas e o estoque de tudo se

acha bastante baixo. Realmente, estamos muito pobres, mas temos o mantimento necessário até segunda-feira e já estamos chegando ao fim de mais uma semana. Esta tarde, todos os obreiros se reuniram para oração.

9 de dezembro - Chegamos agora ao sexto aniversário deste trabalho, tendo em mãos, apenas o necessário para pagar o aluguel, embora durante todo este ano tenhamos recebido tudo de que tínhamos necessidade.

Durante estes últimos três anos, foi costume nosso encerrar as contas e ter algumas reuniões públicas nas quais, para o benefício dos ouvintes, relatávamos a maneira pela qual o Senhor havia agido conosco durante o ano, mostrando-lhes o balanço de tudo quanto havia entrado.

23 de dezembro - Esta é a sexta semana na qual os obreiros das Escolas e dos Orfanatos se reúnem para oração. Temos recebido várias respostas preciosas desde que começamos a nos reunir desta maneira, no que se refere a suprimentos em dinheiro e a novas conversões entre as crianças. Esta manhã recebi de A. B. 20 libras e, portanto, temos agora mais do que o suficiente para a compra do fogão.

31 de dezembro - O Senhor enviou-me para o suprimento de minhas necessidades materiais durante este ano 238 libras, 11 xelins e um peni e um quarto. Tenho sido ricamente abençoado, tendo tudo o que necessito ou, melhor, muito mais do que realmente necessito.

1842

29 de janeiro - No dia 27 entraram 42 xelins que supriram as nossas necessidades de ontem. Quando, novamente tinha em mão para o dia de hoje, uma irmã chegou ontem à noite, trazendo uma libra e 6 xelins, oferta sua e de outra irmã. Ela disse: “Não sei se os órfãos têm ou não têm almoço para amanhã, mas não tive sossego enquanto não trouxe este dinheiro”. Eu acabava de chegar de uma reunião e, no caminho de volta para casa, havia estado elevando os meus pensamentos ao Senhor, pedindo-Lhe que se lembrasse de nossa necessidade.

Caro leitor, você vê a mão de Deus nestas ocasiões? Tenho dado exemplos. Tenho trazido ao seu conhecimento não somente este caso particular, mas mostrei como andávamos dia após dia em nossa pobreza a fim de que você possa adorar ao Senhor por Sua bondade para conosco e para que você também possa ser levado a depender dEle em tudo, se é que ainda não o faz.

Carinhosamente lhe peço que não trate este assunto como algo natural, dizendo em seu coração: “Esta é uma Instituição de Caridade e as pessoas, sabendo que é preciso muito dinheiro para o sustento de Orfanatos e Escolas, ajudam com contribuições regulares”. Não permita que Satanás lhe roube a bênção que o relato da fidelidade do Senhor para conosco e a Sua prontidão em ouvir as nossas orações pretende de levar a você.

Agora pense: se as nossas despesas são semanalmente de 30, 40, 50 ou 60 libras, como pois ajuntamos esta quantia? As pessoas poderiam dar, sim, muitas pessoas poderiam dar, mas poderia ser que todos os donativos que recebêssemos quando as despesas fossem mais pesadas fossem donativos pequenos. E daí? Às vezes a despesa é tão grande que, se eu vendesse tudo quanto possuo, não poderia pagar as despesas por duas semanas. Que fazer, então? Esperamos em Deus. Ele sempre nos ajudou e continua a nos ajudar (escrevo isto em 1881) até agora. Já se passaram mais de 45 anos da obra dos Orfanatos e mais de 47 em relação aos outros trabalhos.

OBSERVAÇÕES SOBRE A FÉ

O meu desejo é que todos os filhos de Deus que lerem estas linhas sejam levados a uma confiança maior e mais simples em Deus em relação a tudo de que necessitam e sob as mais variadas circunstâncias e que estas muitas respostas à oração os animem a orar especialmente quanto à conversão de seus amigos e parentes e ao seu crescimento em graça e conhecimento, quer em relação aos crentes que conhecem pessoalmente, quer em relação ao estado da Igreja em geral, quer ao sucesso da pregação do Evangelho.

Principalmente, quero avisar carinhosamente do perigo de ser levado pelo ardil de Satanás pensando que estas coisas são só para mim e que não podem ser gozadas por todos os filhos de Deus. Como já dissemos anteriormente, embora nem todos os crentes sejam chamados a estabelecer Orfanatos ou Escolas confiando no Senhor para seu sustento, todos os crentes são chamados, através da confiança numa fé simples, a lançar todos os seus cuidados sobre Ele e confiar nEle em tudo e não somente fazer de tudo assunto para a oração, mas esperar resposta às petições feitas de acordo com a Sua vontade em Nome do Senhor Jesus.

Não pense o caro leitor que eu tenho o dom da fé mencionado em 1 Coríntios 12.9, e que, por isso, posso confiar no Senhor.

Não é verdade que a minha fé é aquele dom de fé referido em 1 Coríntios 12.9 e explico o porquê:

1)A fé que posso exercitar com referência aos Orfanatos e às minhas necessidades materiais não é a fé de que se diz em 1 Coríntios 13.2 (evidentemente se referindo à fé mencionada em 1 Coríntios 12.9): “Ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei”, mas é a mesma fé que se encontra em todos os crentes, desenvolvida pouco a pouco durante estes 69 anos (isto foi escrito em 1895);

2)Esta fé, exercitada a respeito dos Orfanatos e minhas necessidades materiais, existe na mesma medida a respeito do seguinte: nunca duvidei, durante os últimos 69 anos, de que meus pecados estão perdoados, de que sou filho de Deus, de que sou amado por Deus e de que serei salvo eternamente porque posso, pela graça de Deus, desenvolver a minha fé na Palavra de Deus e crer que, o que Ele diz, resolve estas questões (Gálatas 3.26; Atos 10.43; Romanos 10.9-10; João 3.16).

Além disso, quando meu irmão e meu idoso pai morreram sem que eu tivesse tido provas de que eram salvos (embora não ouse dizer que estejam perdidos, pois não o sei), minha alma estava em paz, perfeita paz, debaixo desta

grande tristeza, que talvez seja a maior que qualquer crente pode possuir. E de onde poder tirar paz? Apropriei-me destas palavras: “Não fará justiça o juiz de toda a terra?” (Gênesis 18.25). Esta palavra, junto com todo o caráter de Deus como se me revelou em Sua santa Palavra, resolveu todas as dúvidas. Creio no que Ele tem dito a respeito de Si mesmo e estou em paz a este respeito.

Quando o Senhor levou um filho querido, minha alma estava em paz, em perfeita paz e ao chorar derramei lágrimas tranquilas. Porquê? Porque me apoderei, pela fé, de outras palavras: “Dos tais é o reino dos céus” (Mateus 19.14). Credo nesta palavra, a minha alma se regozija em vez de lamentar, pois sei que meu querido filho está muito feliz com o Senhor do que poderia estar comigo.

Finalmente, não permita que Satanás o engane, fazendo-o pensar que não pode ter a mesma fé porque ela é apenas para pessoas em situação igual à minha. Quando perco uma chave, peço ao Senhor que me leve a ela e espero resposta a minha oração. Quando uma pessoa, com a qual tenho um encontro marcado, não aparece na hora certa, podendo atrapalhar meu serviço para o resto do dia, peço a Deus que apresse os seus passos e espero uma resposta.

Quando não compreendo certa passagem da Palavra de Deus, elevo meu coração ao Senhor, pedindo-Lhe que Ele pelo Seu Espírito Santo me instrua e espero resposta. Quando vou ensinar a Palavra, busco o auxílio do Senhor e, embora cômico da falta de capacidade natural e de minha indignidade, começo o Seu serviço sem me sentir triste, antes animado, pois espero a Sua ajuda e creio que Ele, por amor de Seu querido Filho, me ajudará.

Não marco hora e nem a maneira como deve vir a resposta. Por favor, eu lhe suplico que não pense que eu sou um crente extraordinário, tendo privilégios superiores aos dos outros queridos filhos de Deus. Não considere a minha maneira de agir como uma coisa que os crentes não possam fazer. Faça o teste! Ponha-O a prova!

Permaneça inativo na hora da tribulação e verá o auxílio do Senhor, se confiar nEle. Quantas vezes, porém, deixamos o caminho do Senhor na hora da tribulação e então o alimento da fé, aquilo pelo qual a nossa fé poderia ser enriquecida, se perde.

25 de março - Depois de relativa abundância nom que diz reseito ao trabalho dos órfãos, durante um ano e d17 dias, tempo este em que nem uma vez estivemos em apuros, como acontecera nos cinco anos anteriores a este período, hoje novamente estamos completamente pobres, pois nada tenho em mãos, depois de pagar 50 libras em salários e aluguel. Mas, pela graça de Deus, posso confiar, como antes, no Senhor e, portanto, meu coração está em paz. De noite recebi 11 xelins e dois pence e meio pela venda de um objeto e mais 2 xelins e 7 pence pela venda de outro; recebemos uma libra, 19 xelins e 9 pence pela venda de Relatórios e 2 xelins e 2 pence como donativo.

1 de outubro - Esta tarde recebi um cheque de 70 libras para ser usado como o Senhor me orientar. O doador pede que eu lhe escreva, contando de algum uso especial deste dinheiro. Há, sem dúvida, muita coisa ligada a esta oferta, pois chega como resposta especial à oração, sendo que poderemos comprar o necessário para os órfãos, especialmente roupas quentes para o inverno que se aproxima. Além disto, poderei mandar pintar o Orfanato dos Meninos, que é bem necessário. Poderei dar também algum dinheiro aos colaboradores dos Orfanatos, o que, devido a nossa grande pobreza, não pude fazer durante seis meses. Embora a dádiva chegue em tempo tão oportuno não posso escrever ao doador, contando-lhe tudo isto, pois poderia ser que, conhecendo nossas necessidades, ele fosse levado a dar mais e então a mão de Deus não seria tão manifesta, fornecendo-nos os meios para o trabalho.

1845

4 de março - Meu coração não se acha preocupado agora, quer tenhamos pouco ou muito em mãos. Tenho a certeza de que, a Seu tempo e modo e da melhor maneira

possível, Deus enviará o auxílio não apenas com referência ao fornecimento material, mas também a respeito de outros problemas que possamos ter. É preciso dar uma profissão aos meninos, achar serviço para as meninas e até, em relação a isto, minha alma está em paz porque levo tudo ao meu Pai celestial em oração, embora não seja de fácil solução o problema de emprego, pois só entregamos os jovens a patrões crentes.

Quando temos alguma doença infecciosa em uma das Casas, a qual, naturalmente falando, poderia levar à morte muitas crianças, mesmo nestas circunstâncias, minha alma está em paz, porque lanço este cuidado sobre o Senhor e Ele me sustém. Quando um ou outro obreiro deixa o trabalho e precisa ser substituído, sem que no momento eu saiba de alguma pessoa adequada, olhando para Deus e buscando, o Seu auxílio tenho o coração em paz.

1847

20 de janeiro - Em todo este período, desde o último balanço feito no dia 26 de maio de 1846, portanto, há quase oito meses, temos tudo em abundância de dinheiro e quase sempre cerca de 200 libras em mãos. Recebemos para os órfãos um total de nada menos que um mil e sessenta e cinco libras nestes últimos meses. Assim sendo, tenho podido dar às governantas o necessário para as despesas de uma semana.

14 de setembro - Caro leitor, se você estiver cansado com este relato da provisão divina a nosso favor semana após semana e dia após dia, eu lhe peço que o deixe de lado e continue a sua leitura em outra ocasião.

Esta leitura não é uma história comum, pois não contém passagens humorísticas que façam dela um agradável passatempo e não contém relatos enfeitados para que seja uma obra literária. É apenas uma citação de fatos nos quais a mão de Deus se vê estendida a nosso favor, como resultado de fé e oração. Procure ver Deus, caro leitor, nesta simples narração de fatos que é feita para a Sua glória a fim de levar o seu coração para mais perto dEle e que lhe é apresentada

em toda a simplicidade para animá-lo a você pôr toda a sua confiança nEle. Creio que seria de maior proveito ler este relato aos poucos.

23 de dezembro - A necessidade de hoje foi 11 libras, pois tivemos várias outras necessidades, além das de caráter doméstico. Esta quantia a recebemos assim: ontem à noite recebi uma libra, mas como sabia que hoje precisaríamos de bastante mais, estive na presença do Senhor hoje de manhã a este respeito e, um minuto depois de endireitar os joelhos, recebi uma carta de Liverpool com 10 libras para os órfãos. O remetente escreve: “Este dinheiro tem estado na minha gaveta já faz algum tempo, pois pretendia mandá-lo para os órfãos, mas devido a muito serviço o tempo passou despercebido. Mando-o agora...” E como veio na hora certa! Recebemos exatamente a quantia de que precisávamos para hoje.

.oOo.

CONSTRUINDO CINCO ORFANATOS (1845 - 1870)

Por quase dez anos, nunca tive o desejo de construir um prédio para abrigar o Orfanato. Pelo contrário, preferia usar o dinheiro para a compra das necessidades presentes.

No dia 30 de outubro de 1845, entretanto, recebi uma carta de um senhor morador da rua em que se achavam os quatro Orfanatos, na qual ele, amigavelmente e cortesmente, afirmava que os habitantes das casas vizinhas aos Orfanatos se achavam incomodados por eles de algumas maneiras. Deixou comigo o julgamento do caso. Recebi esta carta na quinta-feira, dia 30, de outubro de 1845.

Estando muito ocupadíssimo naquela semana, nem tive tempo de pensar no assunto. Na segunda-feira, dia 3 de novembro, entretanto, separei algumas horas para considerar este assunto em oração e, depois de pedir ao Senhor que me levasse à decisão certa, escrevia razões pelas quais me parecia aconselhável que os órfãos fossem mudados da Rua

Wilson e também as razões que tinha contra tal atitude. Cheguei, mais ou menos, às seguintes conclusões:

RAZÕES PARA MUDAR DA RUA WILSON

1)O barulho das crianças em suas horas de recreação incomoda muito aos vizinhos. Esta reclamação não é sem fundamento e nem é injusta. Eu mesmo acharia difícil suportar o barulho que um vizinho do Orfanato tivesse de suportar. Portanto, devo fazer aos outros o que gostaria que me fizessem. Nunca, até agora, estudei este fato tão seriamente.

2)Devido ao elevado número de habitantes das casas, muitas vezes o esgoto funciona mal, o que tem poluído a água de alguns vizinhos em determinadas ocasiões.

3)Não temos um parque recreativo adequado na Rua Wilson. Embora haja um, ele apenas comporta as crianças de uma Casa por vez.

4)Não temos terra perto dos Orfanatos para ser cultivada. Se nos mudássemos da Rua Wilson e conseguíssemos algum lugar com a área necessária para ser cultivada, poderíamos trazer um benefício para as crianças, além de dar aos meninos uma ocupação mais adequada do que aquela que têm no momento, isto é, tricotar e além de arrumar as camas e cuidar da limpeza da Casa e do preparo das refeições é a única ocupação manual que têm. Além do mais, deveriam ser levados a uma ocupação ao ar livre, o que faria bem a aqueles no que diz respeito ao desenvolvimento corporal.

Havia outras razões para tal mudança. Seria bom ter uma lavanderia nas Casas, de modo que as meninas pudessem aprender o que teriam de fazer quando, mais tarde, saíssem pelo mundo. Mais espaço e mais ar puro seria aconselhável, principalmente quando havia algum doente. Seria mais difícil supervisionar várias Casas espalhadas pela cidade e a oração conjunta com os obreiros também seria mais difícil. Depois de um período de oração e meditação, Müller começou a perceber que estava sendo levado a

construir e que Ele aumentaria seu campo de ação, de modo que trezentos órfãos seriam acomodados, juntamente com seus professores, governantas e outros obreiros necessários.

Em referência a este último ponto, gostaria de observar que nunca havíamos tido umj número tão grande de candidatos aos Orfanatos como nos dias em eu tinha sidolevado a construir.

Na tarde de 3 de novembro de 1845, levei o assunto aos meus oito colaboradores na igreja, pedindo a sua opinião. Perguntei-lhes se eles achavam, que deveríamos mudar o local para deixar a Rua Wilson e construir em outro local mais amplo. Todos acharam conveniente deixar a Rua Wilson e ninguém via razão pela qual não devíamos construir.

No dia 4 de novembro, minha querida esposa e eu começamos a orar a este respeito, fazendo-o todas as manhãs. Pedíamos a Deus que nos iluminasse quanto a determinadas particularidades do assunto, e estando certos de que era a Sua vontade, começamos a lhe pedir o necessário em dinheiro.

No dia 7 de novembro, tendo estudado bem o assunto, cheguei à conclusão que um terreno de tamanho suficiente para abrigar acomodações para 300 crianças (desde bebês até jovens com idade de 15 ou 16 anos) e para o plantio de um pomar e da horta, custaria no mínimo dez mil libras. Não fiquei desanimado ao verificar tal fato, mas confiei no Deus vivo.

9 de dezembro - Já orava pedindo dinheiro durante 35 dias, sem nada receber. Agora, vejam bem, no trigésimo sexto dia depois de começar a orar para este assunto, isto é, no dia 10 de dezembro de 1845, recebi mil libras para a construção do Orfanato. Esta era a maior oferta que tínhamos recebido, mas, ao recebê-la, permaneci calmo e tranquilo como se houvesse recebido um selim, porque meu coração estava à espera da resposta de Deus. Dia a dia eu aguardava a resposta às minhas orações e, por isso, esperando na fé,

este dnatibvo não seme surpreendeu. Na verdade, se houvesse recebido cinco ou dez miulbras, e vez de mil, eu não ficaruia surpreso.

13 de dezembro - No trigésimo nono dia a, miha aunhada, que havia estado em Londres e que agora regressava a Bristoil, contu-me haver encontrado um senhor em Londres que havia pouco tempolera com grande interesse o relatório do trabalho que fazíampos em Nome de Deus e que,ao encontrá-lo, quis ouvir tiudo quanto ela sabia acerca do trabalho. Ao saber que nós prouñhajos construir o Orfanato, ele, sendo arquiteto, ofereceu-se para fazer a planta e suprintender os trabalhos gratuitamente.

Sem ser soiicitado,insistia com e grande e sincero interesse. O fato dsta ofeta vir sem ser pedida e sendo por parte de um arquiteto cristão, mostra mais umz vez a mão de Deus. Esta é a segunda prova que Deus me ajuará neste sentido.

Parecia aconselhável comprar um terreno grande, perto de Breistol. Isto provavelmente custaria cerca de duas mil e quinhentas loibras. A construção custaria mais de nove mil libras. Müll er soube de um terreno em Asley Doiwn, um subúrbiod e Londres, que estaria à venda. Ao vê-lo achou-o perfeitamente adquado.

4 de fevereiro - Visiteio o proprietário do terrenoem Ashley Down, mas não o encontrei em casa. Ao ser informado qe ele estva em seu local de trabalho, dirigi-mepara lá,,,,,,,,,,,,, mas também não o encontrei, pois acabara de sair.

Poderia ter voltado a sua residência, pois sou be que estaruiia em casa às 8 horas da noite, mas não o fiz, julgandoi que Deus não estava permitindo que eu o encontr4asse em nenhum dos dois locais. Acheimelhor, portanto, não forçar a questão, mas deixar que la paciência tenha a sua fé ompleta”.

5n de fevereiro - Hoje cedo encontrei-me com o proprietário do terreno e ele me disse que despertara à três horas da madrugada, ficando acordado até s cinco horas.

Enquanto estava deitado, com insônia, su mente se ocupava com o terreno, a reseito do qual eu pedira o preço, especificand qual era a finalidade do mesmo.

Ele resolveu que, se eu o procurasse de novo, não somente me dcederia o terreno, mas o fari por 120 libras o acre, em vez de 200, que forea seu primeiro preço.

Como o Senhor é bom. Fizemos o acordo hoje mesmo. Acabo de comprar um campo de quase sete acres por 120 libras o acre.

Observe bem a mão de Deus em não permitir que eu me encontrasse ontem com o proprietário! O Senhor pretendia falar com Seu servo, durate umahora de insônia, e levá-lo a tomar uma decisão antes de ele se encontrar comigo.

Houve alguma demora nas transações, mas novo incentivo veio de Londres, quando o arquiteto se ofereceu para preparar gratuitamente as plantas.

6 de julho - Parece-me que a razão pela qual poucos meses pouco recebemos para o Fundo de Construção é que não precisávamos do dinheiro até o presente. Entretanto, quando se tornou necessário e quando a minha fé e a minha paciência haviam sido suficientemente testadas, o Senhor passou a enviar o necessário.

Hoje mesmo recebi a soma de 2.050 libras, das quais duas mil são as parte para a construção e 50 libras são para as necessidades presentes. Este é o maior donativo que já recebemos de uma vez, mas eu espero outros maiores a fim de que seja mais manifesto aos filhos de Deus que não há maneira melhor, mais fácil e mais feliz para se obter os meios financeiros ou outra coisa qualquer necessária ao trabalho de Deus do que lidar diretamente com Ele.

É impossível descrever a alegria que senti em Deus ao receber este donativo. Não me senti emocionado ou surpreso, pois espero resposta às minhas orações. Creio que Deus me ouviu. Mas meu coração estava tão cheio de alegria que eu não conseguia fazer outra coisa senão assentar-me perante Deus e admirá-lo como Davi fizera em 2 Samuel 7. Afinal,

lancei-me aos pés de Cristo, entregando-me novamente a Ele e ao Seu glorioso serviço.

Entre julho de 1846 e março de 1849, todo o dinheiro necessário para a construção da primeira Casa já havia entrado. Vários donativos de mil ou de duas mil libras foram recebidos, sendo que a soma total das ofertas chegou a 15.784 libras. Os órfãos mudaram da Rua Wilson para Ashley Down em junho de 1849. Em dezembro já eram em número de 300. Durante aquele ano e no próximo, cada vez mais George Müller sentia ser da vontade de Deus que construísse mais. Estava constantemente em oração particular a respeito. Soube, através de uma estatística feita pelo governo que havia seis mil órfãos nas cadeias da Inglaterra.

Passagens bíblicas como: “Confia no Senhor de todo o teu coração e no te estribes no teu próprio entendimento e Ele endireitará as tuas veredas” e “confia no Senhor as tuas obras e os teus desígnios serão estabelecidos” (Provérbios 3.5-6 e 16.3) pareciam pular da Bíblia enquanto os lia. Com cuidado, estudou todas as dificuldades, sendo que uma delas seria a sua própria fraqueza física e mental. Teria ele a força necessária para mais uma obra desta envergadura? Ele já recebia e respondia cerca de 3.000 cartas por ano, sem secretária para ajudar. Ele era o responsável pelas despesas de seis Escolas de Caridade, além do trabalho do Orfanato. Não haveria um limite? E quando ele morresse, o que aconteceria? Ao que ele respondeu: “Cada um deve cuidar de si, pois talvez na preocupação com o que poderá acontecer à próxima geração ele se descuide do trabalho que poderia fazer a sua própria geração”.

No dia 14 de janeiro de 1851, recebeu um donativo de três mil libras. Não era isto prova suficiente de que Deus era capaz de fornecer o necessário para um trabalho maior? As razões para a necessidade de construção de um novo Orfanato que abrigasse 700 órfãos são aqui descritas por ele mesmo:

1) Considero os presentes pedidos para admissão de órfãos abandonados como um chamado de Deus a mim mesmo para fazer tudo o que está ao meu alcance a fim de fornecer um lar e educação espiritual adequada para um número ainda maior de órfãos.

2) O estado moral das Instituições para Pobres grandemente me anima a prosseguir. Quando escrevo isto, não quero que pensem que as minhas palavras são de censura, pois não sei como poderiam ser melhoradas as condições; apenas cito um fato como ele é.

3) Esta última razão é a que mais me anima, pois é fato conhecido que os Orfanatos já existentes não são suficientes para abrigar mesmo os casos mais merecedores e os mais tristes, muito menos os que necessitam. Além disto, há grandes dificuldades na aceitação de órfãos na maioria dos estabelecimentos, devido ao número de votos que devem ser obtidos, de modo que, as pessoas realmente necessitadas, não têm o tempo e nem o dinheiro suficiente para conseguir a sua admissão. Será que o fato de haver seis mil órfãos nas cadeias do país não é razão suficiente para um aumento das Instituições de órfãos?

Além destas, havia ainda outras razões: a ajuda recebida até então, a experiência ganha, o bem espiritual dos órfãos, o motivo de ânimo para os crentes e descrentes de “procurarem lidar com Deus sob quaisquer circunstâncias, confiando nEle em todo tempo”. Durante um ano pouco dinheiro entrou e, mesmo até o fim de 1852, apenas cerca de mil libras haviam sido recebidas.

4 de janeiro - Dia a dia tenho esperado em Deus para que mande o necessário para a construção. Tenho feito isto durante mais de dezenove meses e quase que diariamente tenho recebido algo em resposta à oração. Estes donativos têm sido em sua maioria pequenos em comparação com a quantia que será necessário para o término do nosso projeto, mas tem mostrado que o Senhor, por amor do Seu Filho, ouve as minhas súplicas e as dos meus colegas de trabalho e têm sido usados como incentivo precioso para continuar a esperar em Deus. Durante muitos meses tenho tido a certeza de que o Senhor a Seu devido tempo mandará quantias maiores para esta obra, o que com crescente sinceridade tenho implorado durante os últimos meses. Agora, finalmente, Ele mandou refrigério abundante ao meu coração, atendendo a meu pedido. Recebi hoje a promessa de uma oferta conjunta de vários crentes que será de 8.100 libras para o trabalho do Senhor que realizo. Desta quantia separei seis mil para construção.

Veja como é maravilhoso esperar em Deus! Veja como são confundidos os não fazem assim! Sua fé e paciência podem ser provadas por muito tempo e severamente, e sem sombra de dúvida, Deus honrará aqueles que O honram e não permitirá que sejam confundidos.

Resolveu-se, finalmente, construir duas Casas menores, em vez de uma grande. O segundo Orfanato foi inaugurado em 1857 e o terceiro em 1862. A quantia de 35.000 libras necessárias para isto foi ultrapassada em ofertas e agora já havia lugar para 1.150 crianças. Mas os pedidos de admissão continuavam chegando. Até agora, ele aceitava meninas e bebês, mas era doloroso receber as meninas de uma família e ter que recusar os meninos.

Os Orfanatos na Grã Bretanha eram totalmente inadequados para receber as crianças que necessitavam de auxílio. Em 1864, recebeu uma oferta de cinco mil libras. Grandes obstáculos

se interpunham no caminho para a compra de um terreno adequado a um preço razoável, mas com fé e oração desapareceram. O custo da construção subia e Müller nunca assinava um contrato sem ter o dinheiro necessário em mãos. Conseguiram o necessário. Em 1869, abriram a Casa de número quatro para meninos e em 1870, a de número cinco para meninas.

Porque o dinheiro entrava sem interrupção quando era preciso e ele chegava na quantia certa? Este assunto foi tratado em um artigo escrito em 1856. Certamente não era como resultado de apelos feitos.

Lembro-me de certa ocasião em que um dos sucessores de George Müller se dirigia a um grupo de pessoas e, no final, o dirigente do encontro anunciou que fariam uma coleta para o Orfanato. O Diretor levantou-se e com toda a cortesia explicou que a proposta era muito amável, mas, sendo contrária aos princípios do trabalho, não poderia ser aceita. Será que a provisão era devida à impressão dos Relatórios Anuais? Sem dúvida, estes ajudaram, mas a maioria das Instituições religiosas e filantrópicas imprimiam relatórios para mostrar como usavam o dinheiro e a queixa geral era que ninguém os lia.

Na verdade, os Relatórios enviados por Müller tinham uma característica especial. Continham mais do que relatos de entradas e saídas. Centenas de cartas de doadores de todas as partes do mundo eram incluídas, dando muitas vezes uma ideia da experiência espiritual de crentes comuns, coisa que seria difícil conhecer de outra forma.

Aqui e ali, nos Relatórios, havia algumas observações de Müller, geralmente de natureza bastante prática. Vez após vez, vemos que a

quantia recebida era exatamente o necessário para suprir a necessidade do momento. Muitas vezes eram recebidas ofertas de joias ou outros artigos para serem vendidos.

1855

21 de fevereiro - Recebi a seguinte carta:

“Prezado senhor.

Inclusa segue a quantia de 10 libras, que é o fruto da semente semeada. Gostaria que fosse aplicada para o sustento dos órfãos, a não ser que o Fundo para a Construção ainda precise de alguma coisa e, caso positivo, aplique 5 libras para cada um. Em grande humilhação, o ano passado consagrei uma parte do meu salário ao serviço do Senhor e, antecipadamente, mandei-lhe 10 libras, sendo que como resultado tenho quase 100 libras a dedicar ao Senhor durante o ano corrente”.

Consideremos esta carta, prezado leitor. O escritor diz que as 10 libras são fruto da semente semeada. Lembre-se que, em relação a isto, é verdade poder semear e ceifar nesta maneira, de acordo com 2 Coríntios 9.6. Ensinar crianças, visitar com a finalidade de ajudar aos outros (material ou espiritualmente); usar o dinheiro de qualquer forma para a glória e a honra do Senhor, se chama, de acordo com esta passagem, semear. A recompensa dada pelo Senhor àquele que semeia se chama ceifa. A recompensa pode ser, e geralmente é, dada em maior ou em menor proporção, nesta vida. Tenho estado entre os filhos de Deus por mais de 47 anos (isto foi escrito em 1874); conheço uns em mil e sei de muitos outros que semearam e até abundantemente, mas ainda não encontrei um caso sequer no qual, nesta vida, o Senhor não agisse de acordo com Sua Palavra, fazendo com fazendo, de acordo com a sementeira, assim fosse a colheita.

Durante este período, principalmente durante os últimos 40 anos, tenho conhecido muitos crentes, alguns dos quais intimamente, conhecendo bem seus negócios particulares. Além disso, muitos têm-me honrado, procurando o meu conselho nos seus negócios particulares. O que tenho

aprendido entre outras coisas é: “A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais, ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda. A alma generosa prosperará e quem dá de beber será dessedentado” (Provérbios 3.9-10).

Não há nada de ultrapassado nestas passagens, pelo contrário, os princípios nelas contidos são profundamente importantes para o crente sob a presente dispensação.

1856

12 de outubro - Recebi hoje um cheque de 100 libras, com uma carta do doador, pedindo quer aceitasse este dinheiro para mim mesmo, como início de um Fundo para a minha aposentadoria. Esta generosa e bem intencionada oferta pareceu-me uma tentação sutil, embora o doador, que já é falecido, nunca poderia supor tal coisa. Pareceu-me uma tentação de fugir dos princípios de acordo com os quais tenho agido durante vinte e seis anos, tanto em relação a mim mesmo, quanto ao trabalho do Orfanato. Apresento, a seguir, a carta dele, bem como a minha resposta, pois este acontecimento pode ser proveitoso aos meus leitores.

“Prezado senhor:

Com grande admiração pelo seu serviço prestado aos órfãos e à humanidade em geral, penso ser certo que alguma provisão seja feita para o seu próprio futuro. Acho que devo mandar-lhe 100 libras como começo (esperando que muitos outros crentes aumentem esta quantia) para a formação de um Fundo para o seu sustento e o de sua família. Que Deus o abençoe, como tem feito até agora, em tudo que se relacione com suas Instituições.

Sinceramente...

Pela graça de Deus, nenhum instante de hesitação tive em relação ao que deveria fazer. Enquanto apreciava a grande bondade do doador, considerei este fato como uma tentação, permitida por Deus, a pôr a minha confiança em algo que não fosse Ele mesmo e, portanto, mandei-lhe a seguinte resposta:

“Prezado Senhor:

Apresso-me em agradecer-lhe pela sua carta que veio acompanhada de um cheque de 100 libras.

Não tenho nenhuma propriedade e nem a minha esposa; não recebi um tostão como salário regular como ministro do Evangelho nos últimos 26 anos, nem como Diretor dos Orfanatos ou de outras atividades da Sociedade para o Conhecimento das Escrituras quer no país, quer no estrangeiro. Quando tenho alguma necessidade, ponho-me de joelhos na presença de Deus, pedindo-Lhe que se agrade em dar-me o de que necessito e Ele coloca no coração de um outro que me ajude.

Assim todas as minhas necessidades têm sido supridas durante os últimos 26 anos e posso dizer, para a glória de Deus, que de nada tive falta. Minha querida esposa e minha única filha, hoje com 24 anos, pensam assim como eu. Desta maneira abençoada de viver nenhum de nós está cansado, mas tornamo-nos dia a dia mais convencidos da bênção que traz. Nunca pensei em fazer provisão para mim ou para minha mulher ou filha, a não ser da seguinte maneira: Quando vejo um caso de necessidade como uma viúva idosa, um doente, ou uma criança desamparada, uso liberalmente dos meios que Deus me deu, crendo sinceramente que, se eu ou minha família em alguma ocasião tenhamos necessidade de alguma coisa, Deus ricamente recompensará o que foi dado aos pobres, considerando-o como emprestado a Si mesmo.

Nestas circunstâncias, não posso aceitar a sua bondosa oferta de 100 libras para a formação de um Fundo para o meu sustento e de minha família, que é o que eu entendo pela sua carta. Qualquer coisa que me é dada sem ser pedida por aqueles que sinceramente desejam ajudar no suprimento das minhas necessidades pessoais e nas de minha família, recebo com ações de graças, como também qualquer donativo para o trabalho de Deus no qual me acho ocupado, mas a sua bondosa oferta me parece ter sido enviada especificamente para o início de um Fundo para o meu sustento e creio que, aceitá-la para tal, seria desagradar ao

meu Pai celestial que abundantemente tem fornecido até agora o meu pão de cada dia. Caso tenha entendido mal a sua carta, por favor, escreva-me novamente. Guardarei o cheque até nova comunicação de sua parte.

Para o momento, caro senhor, seja qual for a intenção de sua carta, estou profundamente sensibilizado pela sua bondade e oro diariamente para que Deus se agrade em recompensá-lo ricamente, tanto material quanto espiritualmente.

Sinceramente, mui grato

George Müller”

Dois dias mais tarde, recebi sua resposta Na qual o doador expressou o desejo de que usasse as 100 libras para o sustento dos órfãos, para o qual alegremente aceitei a quantia. No dia seguinte, recebi mais 100 libras da mesma pessoa e quatro dias depois, mais 100 libras.

1857

No fim de novembro, inesperadamente, verificamos que a caldeira de nosso aparelho de aquecimento estava vazando muito, de modo que seria impossível passarmos todo o inverno com aquele vazamento. Nosso sistema de aquecimento é formado de uma caldeira onde a água é aquecida pelo fogo e ela está ligada a canos que esquentam os quartos. O ar quente também é ligado a este aparelho. Pensávamos que a caldeira tivesse condições para aguentar o inverno. Suspeitar um defeito e não fazer nada em relação ao seu conserto ou substituição, dizendo apenas que confiamos em Deus a respeito, seria presunção descuidada e não seria fé em Deus. Na realidade, seria o contrário da verdadeira fé.

A caldeira está montada dentro de um muro de tijolos. Portanto, seria impossível verificar o seu estado sem a remoção dos tijolos. Por oito invernos nunca tivemos problemas e nesta ocasião não tinha sido previsto nenhum problema. Mas, repentinamente, deparamo-nos com esta situação. O que fazer? Fiquei bastante preocupado, principalmente com as crianças menores, pois poderiam sofrer bastante se ficassem expostas ao frio. Como conseguir

o aquecimento necessário? A construção de uma nova caldeira provavelmente levaria semanas. O necessário para o conserto da caldeira era difícil de avaliar sem retirar os tijolos.

Isto levaria alguns dias e o que fazer durante estes dias para aquecer os quartos de 300 crianças? Pensei em colocarmos aquecedores a gás, mas, depois de considerarmos o assunto, verificamos que seria impossível por não termos o gás necessário. Como resolver, então, o problema? Teria pago 100 libras com prazer se pudséssemos resolver este problema, evitando que as crianças fossem expostas ao sofrimento do frio exagerado.

Finalmente, resolvi deixar tudo nas mãos de Deus, que é misericordioso e compassivo, e resolvemos retirar os tijolos e verificar a extensão do dano e, se possível, consertar a caldeira de modo que passássemos o inverno em conforto. Marcamos o dia em que os trabalhadores viriam começar o trabalho. O fogo, naturalmente, teria que ser apagado enquanto trabalhavam. Mas, veja bem.

Depois de marcarmos o dia para o início do trabalho, um vento frio, vindo do norte, começou a soprar, alguns dias antes da quarta-feira marcada para o início do serviço. Passávamos assim pelos primeiros dias realmente frios daquele inverno. O que fazer agora? Não podíamos cancelar o conserto. Comecei a pedir ao Senhor: que se agradasse em mudar o vento norte e o transformasse em vento sul e que também desse aos trabalhadores vontade de trabalhar, pois lembrei-me de quanto Neemias conseguiu em 52 dias reconstruir os muros de Jerusalém, porque o povo estava com vontade de trabalhar.

Na noite anterior, o vento norte ainda soprava, mas, ao levantarmos na quarta-feira, verificamos que o vento era sul, exatamente como eu havia pedido. O tempo melhorou de tal forma que era desnecessário o uso da caldeira. Os tijolos foram retirados. O vazamento foi descoberto rapidamente e os trabalhadores começaram a trabalhar no seu conserto. Ao voltar para casa, às oito horas da noite, soube que o chefe da

firma de onde vieram os trabalhadores estava ali para verificar o andamento do serviço e estudar a possibilidade de apressar o trabalho.

Fui, imediatamente, ao porão para conversar com ele e explicar a necessidade de um trabalho urgente. Ele, muito amavelmente, me disse na presença dos empregados: “Eles trabalharão até mais tarde hoje e amanhã virão mais cedo para continuar o serviço”, ao que um dos trabalhadores respondeu: “Preferiríamos trabalhar a noite toda até terminar o serviço”.

Lembrei-me imediatamente da segunda parte da minha oração, isto é, que os homens tivessem vontade de trabalhar. E assim foi. De manhã o conserto estava pronto e o vazamento interrompido. Durante todo este tempo, o vento sul soprava tão ameno que não havia necessidade da caldeira funcionar. Aqui está, portanto, umas das nossas dificuldades, solucionada através da oração e da fé.

1859

1 de janeiro - Não é possível dizer quão feliz este trabalho me deixa. Em vez de ser um homem ansioso, curvado sob o peso de inúmeras preocupações, como muitos pensam, muito pelo contrário, não tenho ansiedade e cuidados.

A fé em Deus leva-me a lançar a minha carga sobre Ele, pois muitos são as minhas necessidades, além daquelas que se referem ao dinheiro. Em todas, porém, tenho Deus como meu Ajudador enquanto confio nele e oro com simplicidade infantil a respeito de tudo. Gostaria de incentivar o caro leitor a seguir também este caminho abençoado para verificar quanta paz e quanto gozo ele proporciona.

.oOo.

ASSUNTOS PESSOAIS

Somente depois de muitos anos é que George Müller escreveu sobre sua vida pessoal e

particular e o fez com muita franqueza. Seu sustento provinha de donativos que aumentavam de ano para ano. Em 1850 recebeu 402 libras, 13 xelins e um pence e três quartos, dos quais distribuiu 220 libras. Em 1860 recebeu 1.054 libras, 9 xelins e 9 pence e meio, dos quais distribuiu 800 libras. Em 1870, de 2.067 libras, 9 xelins e 9 pence recebidos, distribuiu 1.713 libras, 11 xelins e 7 pence.

Este relato dos meus ganhos leva-me a fazer os seguintes esclarecimentos: Engana-se o leitor das páginas anteriores se pensa que, imediatamente que o Senhor me manda algum dinheiro, meu alvo principal é procurar livrar-me dele o mais depressa possível, como se fosse um crime possuir uma nota de 10 libras. Este não é meu modo de agir. O que procuro é a graça suficiente para não pensar em nada como meu. E sim, do Senhor, de modo que, quer tenha muito ou pouco, desejo apenas considerar esta quantia como sendo apenas a mim confiada para a sua aplicação, não sendo propriedade minha. Busco, portanto, a graça necessária para estar disposto a dar aquilo que o Senhor me tem dado.

Muitas vezes deparo com crentes necessitados, algum descrente necessitado ou alguma necessidade no trabalho e então procuro estar pronto a dar, como Seu despenseiro, daquilo que Ele confiou a mim. Isto explica como pude dar entre 1 de janeiro e 26 de maio de 1874 a quantia de 1.739 libras e 7 pence, embora meu ganho durante aquele tempo tenha sido de 1.204 libras, 19 xelins e dois pence e meio e as minhas despesas tenham sido maiores do que nunca, devido à enfermidade da minha querida esposa.

Não tenho dúvidas de que a maioria dos leitores cristãos dirá: “É, sem dúvida um caminho abençoado. É maravilhoso poder dar tanto. Como gostaria de fazer o mesmo”. Minha resposta é: “Sim, realmente é um caminho abençoado. E porque não procura viver também assim?”

Comece a dar de acordo com sua prosperidade que o Senhor lhe concede. Comece com pouco se não tiver a fé

necessária para começar com muito, mas que seja um “pouco” constrangido pelo amor de Deus: alegremente, com fidelidade e constantemente. Não comece agora para parar dentro de algumas semanas, antes continue firme, sob quaisquer circunstâncias, e descobrirá uma bênção tal dentro de sua alma, além de prosperidade material, de modo que cada vez mais alegria em dar e adquirirá condições para dar mais e mais.

Há outra coisa a observar. Como bom despenseiro, não desperdice o dinheiro do seu Senhor. Talvez você possa dar muito, mas se viver de maneira exagerada, gastando demais consigo mesmo em coisas luxuosas, muita coisa não lhe será confiada. Eu tenho permitido a mim e à minha família não apenas as necessidades da vida, mas mais do que isto, tenho permitido comodidade e conforto, e continuo a fazê-lo talvez mais acentuadamente à medida que os anos avançam, mas sempre me guardei contra a extravagância em qualquer aspecto, para não me tornar indigno da confiança do Senhor.

A totalidade de seus ganhos até 1885 foi de 66.463 libras, 7 xelins e 4 pence e meio, dos quais deu 57.000 libras. Não há registro dos seus recebimentos durante os últimos doze anos de sua vida, mas sabe-se que distribuiu 24.490 libras, 18 xelins e 8 pence. Ao morrer possuía 160 libras, 9 xelins e 4 pence, dos quais 100 libras em móveis e livros e 60 em dinheiro. Ele conta-nos alguma coisa sobre a sua filha Lídia.

Depois de nossa filha estar estudando por um ano e meio, sem eu nunca ter recebido uma conta da escola, procurei o colégio para saber quanto eu devia e a proprietária do estabelecimento, uma senhora crente, disse-me que era seu prazer tê-la ali gratuitamente. Afinal, depois de muita insistência deu-me a conta que eu paguei. Entretanto, logo depois recebi a mesma oferta anônima e eu não tenho a menor dúvida que era da proprietária do colégio, devolvendo-me aquela quantia. Nunca mais consegui que me desse a conta dos gastos, embora minha querida filha estudasse ali

mais uns seis anos. O Senhor, como recompensa mesmo nesta vida, cuidou de que minha filha tivesse uma ótima educação sem que isto me custasse nada.

1853

Em julho agradou ao Senhor provar a minha fé de maneira excepcional. Minha filha ficou gravemente enferma de tifo, no dia 20 de junho. No dia 3 de julho não havia esperança de sua recuperação. Eis o verdadeiro teste de fé que, felizmente, triunfou. Minha querida esposa e eu pudemos entregá-la nas mãos do Senhor e Ele me fortaleceu. Falarei, entretanto, apenas por mim mesmo. Embora minha única e querida filha estivesse em estado desesperador, minha alma gozava perfeita paz, satisfeita com a vontade de meu Pai celestial, tendo a certeza que Ele faria o melhor para ela e para os pais.

Ela continuou muito mal até o dia 20 de julho, quando começou a sua recuperação. No dia 18 de agosto, embora extremamente fraca, já estava em condições de ser transportada a Clevedon para uma mudança de ar. Fazia 59 dias que ela adoecera.

Enquanto me achava nesta aflição extrema, além de estar em paz quanto à atuação do Senhor, também o estava quanto à causa da aflição. Em outra ocasião, a mão do Senhor caiu pesadamente sobre mim e minha família. Percebi, imediatamente, que era castigo do Pai, aplicado em grande sabedoria e amor para que minha alma fosse restaurada de um estado de frieza. Nesta ocasião, porém, não sentia isso. Embora consciente das minhas falhas e fraquezas, a ponto de dizer como o fez o apóstolo Paulo: “Miserável homem que sou” (Romanos 7.24), no entanto, tinha certeza absoluta que esta aflição não caíra sobre mim como castigo, mas sim, como prova da minha fé.

Muitos pensam que todas as minhas faltas de fé se referem a assuntos ligados ao dinheiro, embora várias vezes eu já tenha afirmado o contrário. E agora, eis que o Senhor prova a minha fé em relação ao que de mais caro tenho sobre a face da terra.

Era como se o Pai me dissesse: Você está disposto a entregar sua filha para mim?” A resposta do meu coração foi: “Seja feita a Tua vontade, como parecer melhor aos Teus olhos, ó Pai celestial”. Mas, já que os nossos corações se mostraram dispostos a devolver nossa querida filha Àquele que no-la dera, Ele também se mostrou disposto a deixá-la conosco e ela continuou com vida. “Agrada-te no Senhor e Ele satisfará os desejos do teu coração” (Salmo 37.4). O desejo do meu coração era conservar comigo a minha querida filha, se fosse a vontade do Senhor, e o meio de conseguir isto deveria ser satisfeito através de fazer a vontade de Deus.

De todas as provas de fé que até hoje tive que passar, esta foi a maior e, através da misericórdia abundante de Deus, devo dizê-lo em Seu louvor, pude agradar-me ao Senhor; tenho certeza absoluta de que, se o Senhor levasse esta querida filha, seria melhor para ela, para seus pais e seria motivo para mais glória ao Senhor.

1854

31 de dezembro - O Senhor se agradou em dar-me durante este ano 697 libras, 11 xelins e 5 pence.

Alguns dos meus leitores poderão dizer: 697 libras, 11 xelins e 5 pence! Quanto dinheiro! Nem um sequer em cem ministros do Evangelho tem salário tão elevado. Nem um em vinte obreiros vive tão bem. Se você, caro leitor, disser isto, minha resposta será: “Realmente, sou feliz e esta é a maneira mais abençoada de se conseguir o suprimento das minhas necessidades temporais, mas se alguém deseja seguir este caminho, ele não deve dizer apenas que confia em Deus, mas deve realmente fazê-lo. Frequentemente, os indivíduos confessam sua confiança em Deus, mas usam cada oportunidade para expor, direta ou indiretamente, a sua necessidade e assim procuram fazer com que as pessoas os ajudem. Não digo que é errado fazer conhecidas as necessidades, mas digo que expor as nossas necessidades com o intuito de induzir os outros a nos ajudarem não se coaduna com a confiança em Deus. Ele aceita o que dizemos. Se dissermos que confiamos nEle, então Ele nos provará para

ver se realmente confiamos nEle e nos contentaremos em permanecer apenas nEle”.

O indivíduo que deseja seguir seu caminho deve estar disposto a ser rico ou pobre, de acordo com a vontade do Senhor. Ele deve estar disposto a deixar este mundo sem ter acumulado riquezas aqui. Deve estar disposto a aceitar o dinheiro como Deus lhe manda, não apenas em grandes somas, mas também em pequenas quantias. Vez após vez, eu tenho recebido um xelin. Recusar tais provas de amor cristão seria mostrar muito pouca graça cristã.

Ainda mais, deve estar disposto e viver como despenseiro do Senhor. Se alguém começar a viver desta maneira e não repartir aquilo que o Senhor lhe dá, mas passar a guardá-lo ou a viver extravagantemente, querendo tudo para si, então o Senhor, que influencia o coração de Seus filhos fazendo com que o ajudem, logo fará com que estas fontes se sequem.

Várias razões poderiam ter impedido a publicação do relato destes fatos, mas, ao escrever, tenho como objetivo unicamente e exclusivamente a glória de Deus. Por isso, alegro-me em assim mostrar como o amoroso Mestre a Quem sirvo e como em abundância Ele supriu as minhas necessidades.

Lídia casou-se com James Wright que foi o sucessor de George Müller, como diretor do Orfanato. Ela morreu em 1890, enquanto seu pai estava em viagem na Índia.

George Müller teve como grande bênção em sua vida a sua esposa, Mary Groves, com quem se casou em 1830. Ela pensava exatamente como ele em toda sua maneira de agir e nos princípios que regiam sua vida e seu trabalho. Dedicou-se, junto com seu marido, ao trabalho dos órfãos. Poucos sermões impressos são mais comoventes do que aquele pronunciado por seu marido na ocasião do seu enterro em 1870. Gostaríamos de reproduzi-lo em sua totalidade, mas o espaço não

permite. Teremos que nos contentar apenas com uma pequena parte.

Fomos felizes? Sem dúvida que sim. A cada ano, a nossa felicidade aumentava. Em nenhuma oportunidade ou em nenhum lugar, vi minha querida esposa sem sentir o coração pular de alegria ao vê-la. Dia a dia, ao nos encontrarmos em nossa sala para o almoço ou para o jantar, eu sentia a mesma emoção ao vê-la e ela também mostrava prazer ao estar ao meu lado. Muitas e muitas vezes eu dizia a ela: “Meu amor, desde o nosso casamento, cada vez que eu a vejo sinto renovar-se em mim o sentimento de emoção ao lembrar-me que você é minha”. E isto não foi somente durante o primeiro ano de nossa união, nem no décimo, ou no vigésimo, mas também no quadragésimo ano de nossa vida conjugal.